



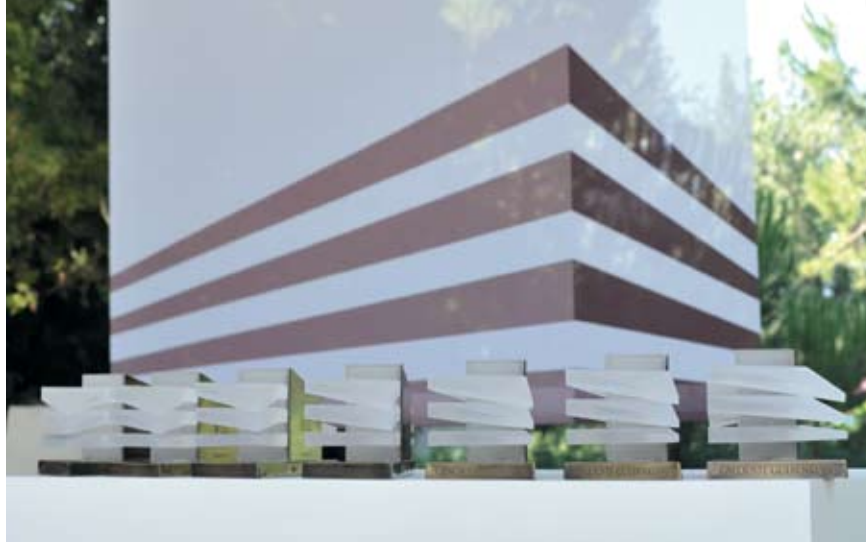
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NEWSLETTER

NÚMERO 126
SETEMBRO 2011



Prémios Gulbenkian 2011



4

Prémios Gulbenkian

Nos últimos cinco anos, os Prémios Gulbenkian distinguiram personalidades e instituições de excelência em várias áreas, dentro e fora do país. A cerimónia deste ano encerrou um ciclo iniciado nas celebrações do cinquentenário de criação da Fundação; em 2012 haverá um prémio único, com maior dotação e sem distinção de nacionalidade.



8

IGC – os 50 anos

O Instituto Gulbenkian de Ciência completou 50 anos e foi agraciado com o grau de membro honorário da Ordem de Sant'Iago da Espada pelo Presidente da República. Considerado pela *The Scientist* um dos dez melhores lugares para pós-doutorados fora dos Estados Unidos, o IGC é uma instituição reconhecida internacionalmente e que recentemente voltou a ser distinguido, desta vez com o Prémio de Comunicação de Ciência.

11

Um plácido domingo

Intervir na comunidade através da arte e desde os primeiros anos de vida é um dos muitos objectivos do Opus Tutti – Práticas Artísticas na Criação de Raízes Sociais e Educativas, direccionado para a infância e apoiado pela Fundação Gulbenkian.

No domingo, **11 de Setembro**, entre as 10h30 e as 12h30, as famílias com bebés que vierem ao Jardim Gulbenkian poderão participar nesta interacção artística intitulada *Um Plácido Domingo*.



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 126. SETEMBRO. 2011 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

FOTO DA CAPA Márcia Lessa | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares

Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



António Coelho, protagonista do filme

16

Gesto

António e Irina comunicam em língua gestual. Outros jovens, não ouvintes como eles, frequentam a Escola Jacob Rodrigues, cenário do filme realizado por António Borges Correia, numa produção da ZulFilmes apoiada pela Fundação Gulbenkian. O filme, que pode ser visto no auditório 2 da Fundação no **dia 20**, mostra o dia-a-dia, os desejos e os sonhos destes adolescentes que comunicam de forma diferente e superam o silêncio através dos gestos.



15

Reabilitar casas a custo zero

Os autores do projecto vencedor do concurso *Faz – Ideias de Origem Portuguesa*, lançado pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação Talento na diáspora portuguesa, querem reabilitar casas degradadas a custo zero. Uma forma de dar vida às cidades, recuperando os velhos edifícios que fazem parte da sua história e do seu património.

19

Labirintos

Os labirintos da adolescência, tema a abordar num colóquio do Fórum Gulbenkian de Saúde agendado para finais de Outubro, são o pretexto para a exposição que é inaugurada a **29 de Setembro** na Sede da Fundação. *Labirintos* revela muitas formas de olhar, através da arte, para um momento em que as interrogações, as angústias e as incertezas sobre a existência estão presentes no quotidiano dos jovens. As obras expostas pertencem à colecção permanente do Centro de Arte Moderna.



Sérgio Pombo, *Sem Título (Joelhos)*, 1973

índice

em relevo

4 **Prémios Gulbenkian 2011**

a seguir

8 **Os 50 anos do IGC**

11 **Um plácido domingo**

12 **Uma nova orquestra**

13 **Gulbenkian Música 11/12**

14 **Pequeno Grande ©**

15 **Reabilitar casas a custo zero – uma ideia de origem portuguesa**

15 **Hip Hop pela Paz**

16 **Gesto**

18 **Património de Origem Portuguesa**

19 **Labirintos**

20 **Natureza-morta na Europa**

22 **Catálogos de Exposições na Biblioteca de Arte**

23 **breves**

26 **novas edições**

27 **projectos apoiados**

bolsheiros gulbenkian

28 **Pedro Gomes**

uma obra

30 **A colecção de Livros de Artista de Hein Semke**

32 **update**

33 **agenda**

App FCCGulbenkian para
iPhone e Android
(gratuita)





Prémios Gulbenkian 2011

© Mécia Lessa

Da esquerda para a direita: António Barreto, Maria Helena da Rocha Pereira, Jorge Sampaio, João Marques Pinto, Fernando Lopes da Silva e, a discursar, Emílio Rui Vilar

A Fundação Internacional Yehudi Menuhin e a Organização Mundial do Movimento Escutista venceram ex-aequo a 5.ª edição do Prémio Internacional Calouste Gulbenkian no valor de 100 mil euros.

Quanto aos prémios nacionais, no valor de 50 mil euros, foram atribuídos, a Pedro Carneiro (Prémio Gulbenkian Arte), Fernando de Pádua e Maria Amélia Ferreira (Prémio Gulbenkian Educação), Nuno Peres (Prémio Gulbenkian Ciência) e à Associação para o Estudo e Integração Psicossocial (Prémio Gulbenkian Beneficência).

Criados para comemorar os 50 anos da Fundação, com um horizonte temporal de cinco anos, estes prémios vão ser convertidos num único, com maior dotação e sem distinção de nacionalidade.



Aspecto geral da cerimónia

O Anfiteatro ao Ar Livre voltou a ser o palco da entrega dos Prémios Gulbenkian, criados em homenagem ao fundador, facto que o presidente do Conselho de Administração, Emílio Rui Vilar, fez questão de sublinhar saudando a “generosa visão filantrópica” que conduziu à criação da Instituição. O presidente da Fundação aproveitou para referir algumas facetas menos conhecidas da personalidade de Calouste Gulbenkian, para além de “pioneiro da indústria do petróleo, financeiro, diplomata, negociador hábil e colecionador culto e de gosto simultaneamente apurado e eclético”. Assim, e a pretexto da comemoração dos 50 anos do Instituto Gulbenkian de Ciência, Emílio Rui Vilar citou um texto de 1928 no qual Calouste Gulbenkian lamentava ter falhado um dos grandes objectivos da sua vida: ser um

homem de ciência. “O mundo pode ter perdido um cientista, mas ganhou um grande filantropo”, concluiu o presidente para uma assistência numerosa onde se incluíam várias personalidades da vida política, social, cultural e científica do país.

Desviando depois o foco da homenagem para os premiados, Emílio Rui Vilar lembrou a importância da persistência e do trabalho para alcançar o sucesso: “Todos provaram, sem excepção, que conseguem produzir trabalho inovador e com impacto em condições tão complexas como adversas, seja no campo social, educativo ou artístico, seja na investigação científica ou no âmbito da defesa dos direitos humanos, através do respeito pelo diálogo intercultural.” Daí que os prémios constituam “uma recompensa pelo mérito de quem escolheu esse caminho exigente”, representando, na sua variedade, “a amplitude da missão da Fundação Calouste Gulbenkian”.

Esta edição fechou o ciclo de cinco anos estabelecido para estes prémios, que passam do actual formato (um prémio internacional e quatro prémios nacionais) para um prémio único sem distinção de nacionalidade, mas com âmbito mais alargado e uma maior dotação.

PRÉMIO INTERNACIONAL

O júri, constituído por Jorge Sampaio, Fernando Henrique Cardoso, Hubert Védrine, Vartan Gregorian e José Gomes Canotilho, decidiu distinguir *ex-aequo* duas instituições às quais reconheceu o seu inestimável contributo para o diálogo e a aproximação entre as diferentes culturas.

A Fundação Internacional Yehudi Menuhin e a Organização Mundial do Movimento Escutista repartiram o prémio de 100 mil euros. Os principais responsáveis destas organizações, Enrique Barón Crespo, presidente do Conselho de Administração da Fundação Yehudi Menuhin (acompanhado da vice-presidente executiva Marianne Poncelet), e Luc Panissod, secretário-geral da Organização Escutista, agradeceram a distinção, enfatizando não só o estímulo que o prémio representa como a satisfação pelo reconhecimento do seu trabalho para a construção de um mundo melhor, livre de preconceitos raciais e culturais.

Criada em 1991 por Yehudi Menuhin, um dos maiores violinistas do século XX, a **Fundação Internacional Yehudi Menuhin** (com sede em Bruxelas), tem assumido uma voz activa na defesa do papel central da arte para a integração social, bem como para um desenvolvimento pessoal e social mais harmonioso.

Através do MUS-E, um programa que tem como missão levar a arte à escola, a Fundação está presente em 11 países – Portugal, Espanha, Itália, França, Suíça, Bélgica, Alemanha, Hungria, Kosovo, Finlândia e Israel –, envolvendo mais de 1000 artistas e abrangendo mais de 50.000 crianças de 500 escolas primárias.



Enrique Barón Crespo e Marianne Poncelet (Fundação Internacional Yehudi Menuhin)



Emílio Rui Vilar, Jorge Sampaio e Luc Panissod (Organização Mundial do Movimento Escutista)

Outro programa de grande impacto é o Sharing All Voices, uma rede de partilha cultural e artística onde é dada voz a várias culturas e em que artistas/embaixadores se assumem como porta-vozes da Fundação, transmitindo valores como o respeito pela diversidade, integração, partilha, criatividade, compreensão e cooperação.

A **Organização Mundial do Movimento Escutista** é uma instituição independente, sem fins lucrativos, fundada no início do século XX para apoiar os membros das organizações do movimento escutista em todo o mundo.

Com sede na Suíça, tem por missão promover os propósitos e princípios deste movimento – implantado em 160 países e envolvendo mais de 28 milhões de pessoas, jovens e adultos –, facilitando a sua expansão e desenvolvimento.

Na base do espírito do seu fundador, Robert Stephenson Smith Baden-Powell, está a criação de um sentimento de pertença a uma irmandade mundial, com o objectivo de promover a paz entre os povos. É aberta a todos, independentemente das raças, cores, credos e condições sociais, e tem como missão contribuir para a educação dos jovens, no sentido de, através dela, contribuir para um mundo melhor. Promove e desenvolve o diálogo multicultural, interétnico e inter-religioso, através dos princípios que defende e dos vários projectos que dinamiza.



Teresa Carneiro

PRÉMIO GULBENKIAN ARTE

Ao atribuir a distinção a **Pedro Carneiro**, o júri, composto por João Marques Pinto, José Gil, Raquel Henriques da Silva, Salwa Castelo-Branco e Jorge Silva Melo, reconheceu a excepcional carreira deste “instrumentista de génio”, reconhecido mundialmente como “um dos mais importantes e originais percussionistas da actualidade”.

Também compositor e chefe de orquestra, Pedro Carneiro é regularmente convidado para tocar com algumas das mais prestigiadas orquestras e instrumentistas mundiais. Em Novembro (dias 3 e 4) será solista com a Orquestra Gulbenkian, dirigida pela maestrina Simone Young.

Alguns dos seus trabalhos discográficos foram premiados, em particular a sua monografia de Iannis Xenakis, gravada em 2004, que recebeu um Choc de la Musique e é considerada pela crítica da especialidade como uma obra de referência. Pedro Carneiro é co-fundador, director artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa e ainda coordenador do programa de mestrados em percussão na Escola Superior de Música de Lisboa.

Na impossibilidade de comparecer na cerimónia, por se encontrar em digressão internacional, o músico fez-se representar por sua mulher, Teresa Carneiro.

PRÉMIO GULBENKIAN EDUCAÇÃO

Duas personalidades da área da Medicina, com uma marcada acção pedagógica e um forte investimento na formação dos estudantes, clínicos e população em geral, foram os vencedores *ex-aequo* do Prémio Gulbenkian Educação.

Os dois premiados dividiram entre si o valor do prémio – 50 mil euros –, atribuído por um júri constituído por Maria Helena da Rocha Pereira, Vítor Aguiar e Silva, Guilherme de Oliveira Martins, Lídia Jorge e João Filipe Queiró.

Maria Amélia Duarte Ferreira é professora catedrática na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde preside ao Conselho Pedagógico e dirige o Centro de Edu-



Maria Amélia Duarte Ferreira

cação Médica. O júri destacou o seu extraordinário contributo para o aumento do sucesso escolar e profissional dos estudantes e para uma melhoria das competências pedagógicas dos docentes, em resultado das várias iniciativas que lançou e dinamizou. Qualidades como a competência, a criatividade, a persistência, o espírito combativo e inovador foram sublinhadas pelo júri e consideradas fundamentais para converter o centro que dirige numa estrutura dinâmica e exemplar, com repercussão na qualidade e excelência da educação e formação médicas.

Entre as várias acções que implementou, destacam-se os programas de partilha de experiências e metodologias de ensino destinados a docentes, os cursos de formação contínua para orientadores de internos de especialidade e os programas destinados a promover a internacionalização da educação médica, em especial com os países africanos de língua portuguesa. O júri realçou ainda as várias iniciativas destinadas a desenvolver as competências dos estudantes e o seu bem-estar, tais como os programas para uma melhor integração dos novos estudantes, os programas de desenvolvimento pessoal e interpessoal e um serviço de consulta psicológica, articulado com o Serviço de Psiquiatria do Hospital de São João.

Paralelamente a este contributo, foi ainda distinguido o trabalho pedagógico desenvolvido ao longo de várias décadas por **Fernando de Pádua**, precursor da Medicina Preventiva em Portugal. Professor catedrático de Medicina Interna e de Cardiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, Fernando de Pádua dedicou a sua vida a aproximar a medicina dos cidadãos, numa altura em que as campanhas de informação e os programas de prevenção das doenças eram praticamente inexistentes. Pioneiro no reconhecimento da importância da comunicação social para chegar ao maior número de cidadãos, não hesitou em utilizá-la frequentemente, desafiando uma mentalidade que limitava a actuação dos médicos ao seu próprio terreno: hospitais e consultórios. Os seus programas de televisão no final da década de 70, bem como os artigos publicados nos jornais, foram fundamentais



Fernando de Pádua

para criar uma opinião pública mais informada e capaz de assumir comportamentos mais saudáveis e de menor risco. Além de promover debates públicos com os maiores especialistas na área, criou, por exemplo, o controlo da tensão arterial nos centros de saúde, prática, na altura, completamente inovadora. Fernando de Pádua mantém a sua actividade, presidindo à Fundação criada com o seu nome, para prosseguir todo o trabalho de uma vida.

PRÉMIO GULBENKIAN CIÊNCIA

O júri, constituído por Fernando Lopes da Silva, Alexandre Quintanilha, Augusto Barroso, Luís Magalhães e Manuel Nunes da Ponte, decidiu distinguir **Nuno Peres**, um dos mais reputados físicos teóricos mundiais que trabalham sobre o Grafeno, a forma bidimensional do carbono com um imenso campo de aplicação futura no domínio da electrónica. O investigador da Universidade do Minho tem desenvolvido uma estreita colaboração com Andre Geim e Konstantin Novoselov (Universidade de Manchester), a dupla que fabricou este material, vencedora do Prémio Nobel da Física 2010. Nuno Peres e a sua equipa foram autores de um trabalho que previa a existência de uma nova forma do efeito de Hall quântico no Grafeno, tese posteriormente confirmada pelos físicos de Manchester e publicada em 2006 na *Physical Review B*. Este trabalho tornou-se o artigo teórico mais citado do mundo neste novo domínio da Física do Estado Sólido.

Um outro contributo de Nuno Peres prendeu-se com a previsão da opacidade do Grafeno, tese que viria a ser confirmada posteriormente e que deu origem a um trabalho conjunto publicado em 2008 na revista *Science*. Este trabalho impulsionou uma frutuosa colaboração com o grupo de Manchester, que deu origem a várias outras publicações conjuntas. É co-autor do mais citado artigo de revisão sobre Grafeno, publicado na *Reviews of Modern Physics* (cerca de 1500 citações). Foi entre a consciência da dimensão do seu contributo para a Física e a humildade do muito que tem para fazer e aprender



Nuno Peres

que o físico se dirigiu à plateia do Anfiteatro ao Ar Livre, na sua breve intervenção de agradecimento.

PRÉMIO GULBENKIAN BENEFICÊNCIA

A **Associação para o Estudo e Integração Psicossocial (AEIPS)** tem desenvolvido, desde 1987, um enorme esforço no sentido da inclusão social, reabilitação e integração profissional das pessoas com problemas de saúde mental. A sua esfera de actuação passa também em larga medida pelo apoio aos familiares dos doentes, em geral crónicos ou de longa duração. O júri destacou o apoio da AEIPS a centenas de pessoas e respectivos familiares, ao longo de mais de duas décadas, com a preocupação fundamental de promover a autonomia dos doentes e a sua inserção profissional. Um dos projectos que prendeu a atenção do júri foi o Casas Primeiro, um projecto desenvolvido em colaboração com a Segurança Social, e que realojou vários doentes mentais sem abrigo. Para além de desenvolver as suas actividades na sede, a Associação estende a sua acção a um centro comunitário e a um Centro de Ajuda-Mútua. José Ornelas, fundador e director da associação, recebeu e agradeceu o galardão em nome da associação. O júri deste prémio foi presidido por António Barreto, contando ainda com Alexandre Castro Caldas, Cristina Louro, Daniel Sampaio e D. Manuel Clemente. ■

José Ornelas



De 1961 a 2011 Os 50 Anos do IGC

a seguir

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) foi criado a 19 de Julho de 1961 pelo Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, com a missão de estabelecer no país uma comunidade científica forte, profissional e com carácter internacional. Actualmente, o impacto do IGC estende-se além-fronteiras, sendo o Instituto reconhecido internacionalmente pela excelência da ciência que produz. Cinquenta anos passados, é chegado o momento de caminhar para uma maior autonomia, baseada num novo modelo de gestão.



Da esquerda para a direita: António Coutinho, Aníbal Cavaco Silva e Emílio Rui Vilar.



Jorge Calado na conferência "A Ciência, segundo a Gulbenkian"

No dia 19 de Julho, as celebrações tiveram início com a visita do Presidente da República que atribuiu ao IGC o grau de membro honorário da Ordem de Sant'Iago da Espada. Para Cavaco Silva, o IGC tem hoje um "prestígio que ultrapassa as fronteiras do nosso país, é um bom exemplo que podemos apresentar, não apenas aqui em Portugal, mas ao mundo". Referindo-se aos tempos difíceis que o país atravessa, o Presidente salientou que o avanço no domínio científico "deve ser visto como um activo estratégico da maior importância para o futuro de Portugal" e que o país "não pode comprometer a rota do progresso científico, apesar da escassez de recursos com que nos confrontamos". No entender de Cavaco Silva, "impõe-se continuar a valorizar, e cada vez mais, o papel dos cientistas na sociedade portuguesa, o seu contributo para o futuro do país".

Na mesma cerimónia, o director do IGC leu uma mensagem do director-geral da Organização Europeia de Biologia Molecular em que é destacada a relevância do instituto: "um exemplo brilhante na Europa, de um Instituto profundamente enraizado no meio académico nacional, mas, simultaneamente, aberto ao contexto europeu e até internacional de investigação e educação." António Coutinho considerou que todos os que ali trabalham fazem do IGC um espaço de partilha de equipamentos, de recursos, de conhecimento, preocupações e desaires, sucessos e sonhos, mas também dos valores da Ciência: racionalidade, rigor, transparência, iniciativa e responsabilidade, amor à dúvida e ao debate contraditório e tolerância. À cerimónia assistiram, entre outros, o ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, o secretário de Estado-adjunto do ministro da Saúde, Fernando Leal da Costa, a secretária de Estado da Ciência, Leonor Parreira, e o presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais. Estiveram presentes o presidente e os membros do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, directores da Fundação e do Laboratório Associado ITQB, assim como os investigadores e colaboradores do IGC.

No final da tarde, o auditório da Fundação Calouste Gulbenkian encheu-se para a conferência pública comemorativa “A Ciência, segundo a Gulbenkian”, por Jorge Calado (professor do Instituto Superior Técnico). A abrir, o presidente da Fundação Gulbenkian reflectiu sobre o passado e presente do IGC, o seu estatuto como “porta-estandarte internacional para a Fundação e para Portugal” (nas palavras do Conselho Científico do IGC). Ao lembrar que, nos últimos 10 anos, o IGC contribuiu com “20 a 50 por cento de toda a produção nacional em todas as áreas” em publicações nas revistas científicas mais destacadas como a *Nature*, *Science*, *Cell*, Emílio Rui Vilar sublinhou também que o Instituto tem a capacidade de obter financiamentos internacionais, sendo parte do seu orçamento resultante de fontes externas. Na apresentação dos números do IGC ficou ainda a indicação de que oito dos nove subsídios atribuídos a Portugal pelo European Research Council para as Ciências da Vida, foram para pessoas que estão ou já estiveram no IGC.

Numa perspectiva de futuro, o presidente da Fundação anunciou, citando uma deliberação do Conselho de Administração, que é preciso “prosseguir o processo de definição de um novo modelo de gestão, que passe pela autonomização do IGC, através da eventual criação de uma nova

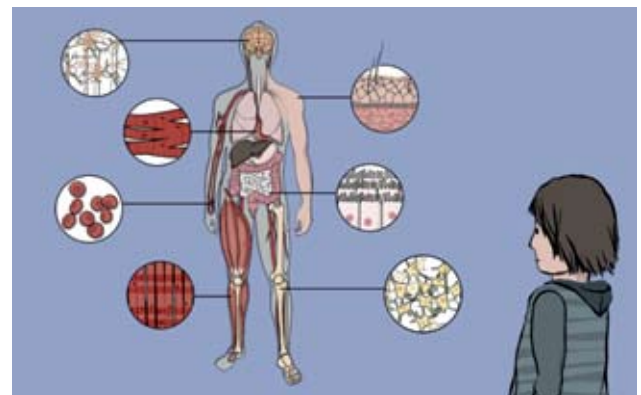
pessoa jurídica”. Assim, segundo Emílio Rui Vilar, o modelo científico e a missão do IGC cometidos em 1998 “terminaram o seu ciclo” e “importa definir um novo modelo científico e delinear a missão de forma mais focada”. E acrescentou que a autonomia institucional permitirá “maior flexibilidade e melhor adequação da gestão própria de um instituto de investigação, tal como reforçará a possibilidade do estabelecimento de parcerias com instituições congêneres”, sem esquecer uma maior facilidade na “exploração de patentes e no lançamento de *start ups* empresariais, numa lógica de desenvolvimento a jusante do trabalho científico”. O Instituto manterá o nome Gulbenkian, a ligação institucional com a Fundação, mas uma autonomia que importa agora “assumir com sentido de responsabilidade e preparar com todo o cuidado”.

O dia foi ainda de homenagem aos funcionários mais antigos do Instituto – João Nunes, Rosa Maria Santos, Júlia Lobato e António Sousa. As comemorações terminaram com a conferência de Jorge Calado que, como um verdadeiro contador de histórias, levou a audiência numa viagem de mais de 50 anos, ligando a paixão de Calouste Gulbenkian pela ciência ao IGC de hoje, um centro de investigação que descreve como praticando *thoughtful science* (ciência bem pensada). ■

Concurso internacional de comunicação de Ciência distingue filme produzido pelo IGC

“Os nossos órgãos são todos muito diferentes. Porque será que isso acontece?” É assim que começa o vídeo de animação *Eu e o Meu Corpo*, concebido, escrito e produzido por membros da equipa de comunicação do IGC (Catarina Júlio, Ana Mena e Ana Godinho), em colaboração com uma ilustradora científica (Diana Marques), um sonoplasta (Cláudio Silva) e um aluno do 7.º ano (Alexandre Gil). O vídeo ganhou o 1.º Prémio na categoria de Material Didáctico da edição de 2011 do concurso internacional *Ciencia en Acción*, aberto a estudantes, professores, investigadores e comunicadores de ciência, em todas as áreas de investigação. O júri considerou que o vídeo “estimula os jovens para a ciência e ensina os conceitos de célula e dos órgãos do corpo de forma muito profissional e didáctica”. Apesar de ter sido criado especificamente para alunos entre os 7 e os 12 anos de idade, adequa-se a pessoas de todas as idades.

O filme explora o conceito de células e de diferentes metodologias usadas por cientistas, incluindo a utilização de animais em investigação científica. Descreve alguns dos 200 diferentes tipos de células e a sua função no corpo humano, e de que forma a diversidade celular é essencial aos órgãos



e às suas diferentes funções. Além disso, mostra como é construído o conhecimento científico em Biomedicina assim como a contribuição da investigação científica para a saúde humana, através do uso de técnicas *in vitro*, microscopia e uso de animais em investigação.

O filme foi financiado pela Casa das Ciências, contou com o apoio técnico da Fundação para a Computação Científica Nacional, e está disponível no YouTube. ■

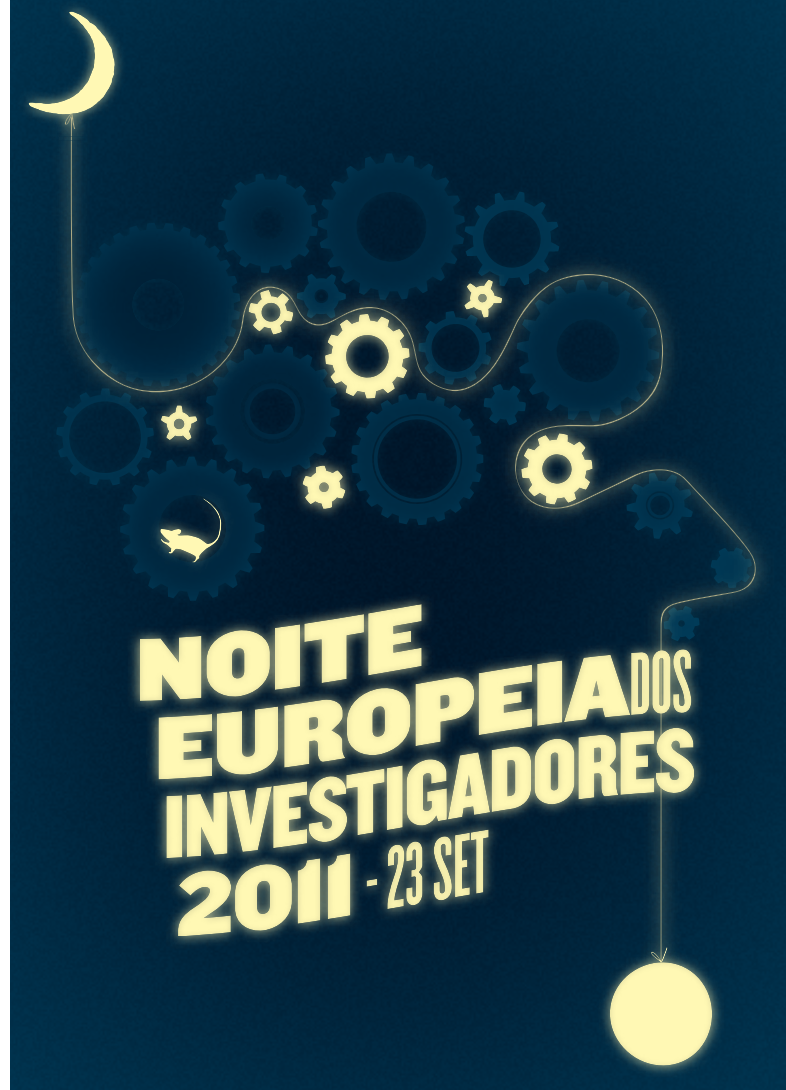


IGC no OptimusAlive

A Ciência juntou-se à Música em mais uma edição do festival OptimusAlive, em Julho, no Passeio Marítimo de Algés (Oeiras). Ao longo de quatro dias, mais de 40 cientistas e colaboradores do Instituto Gulbenkian de Ciência passaram pelo festival para, num espaço especialmente montado dentro do recinto, dar a conhecer um pouco dos seus projectos de investigação e do seu trabalho de laboratório a cerca de 700 estudantes e curiosos, antes e durante os intervalos dos concertos. Esta iniciativa de *speed-dating* – que assenta num formato de conversas curtas e informais – tem vindo a repetir-se desde 2009, ano em que arrancou esta parceria inédita entre um instituto de investigação biomédica e uma entidade privada, neste caso a promotora de espectáculos de música Everything Is New. O principal objectivo é aproximar os jovens à ciência e motivá-los para carreiras de investigação científica.

A presença do IGC no festival serviu também para promover a terceira edição das Bolsas de Investigação OptimusAlive. Estas bolsas anuais destinam-se a jovens recém-licenciados e envolvem projectos de investigação nas áreas da Biodiversidade, Genética e Evolução, desenvolvidos entre o IGC e uma instituição estrangeira. As candidaturas encerraram a 28 de Julho. Em 2009 e 2010, o concurso para atribuição destas bolsas contou com um número crescente de candidaturas, ascendendo a mais de uma centena e tendo levado os jovens investigadores a fazerem trabalho de campo em locais como Madagáscar e a ilha do Príncipe, em São Tomé e Príncipe. ■

Veja o vídeo em www.gulbenkian.pt



Noite Europeia dos Investigadores 2011

Uma noite de contacto directo e informal com investigadores, através de experiências, *sketches* de TV, entrevistas, música ao vivo, palestras-relâmpago, cozinha molecular, comédia *stand-up*, é o que promete mais uma edição da Noite dos Investigadores. A iniciativa acontece em vários locais, de norte a sul do país: Pavilhão do Conhecimento (Lisboa), Jardim Botânico Tropical (Lisboa), Praça Gomes Teixeira (Porto), 19 Centros Ciência Viva pelo país. Todos os eventos têm entrada livre.

Este é um projecto financiado pelo programa FP7-People da Comissão Europeia, coordenado pela Ciência Viva – Agência Nacional para a Ciência e a Tecnologia, em parceria com o Instituto Gulbenkian de Ciência, Instituto de Biologia Molecular e Celular, Centro de Astrofísica da Universidade do Porto e Universidade do Porto Inovação. ■



Um plácido domingo

No âmbito do projecto OPUS TUTTI – Práticas Artísticas na Criação de Raízes Sociais e Educativas, direccionado para a infância e apoiado pelo Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Gulbenkian, será apresentada no Jardim Gulbenkian a performance *Um Plácido Domingo*. O público-alvo são famílias com bebés, mas a ideia não é apresentar um espectáculo no sentido clássico, em que os espectadores assistem imóveis. Pretende-se antes criar um conjunto de interações com o espaço e as pessoas, “interações que têm um ponto de partida lúdico, mas que resultam em elementos musicais, visuais e coreográficos interessantes e significativos”, explica Helena Rodrigues, da Companhia de Música Teatral, que está a desenvolver este projecto em parceria com o Laboratório de Música e Comunicação na Infância do CESEM (FCSH-UNL). “Queremos fazer algo que cresça naturalmente a partir daquilo que acontece num domingo normal, isto é: as pessoas deslocam-se, param, vão à procura, desfrutam do jardim.” Serão explorados elementos oferecidos pelo meio envolvente,

como as árvores, os lagos, as esculturas, os pássaros e o vento, para, à semelhança do que acontece com o teatro de rua, se construírem situações performativas que utilizam vocabulário musical bem como vocabulário do teatro e da dança.

Este conjunto de performances insere-se numa linha de investigação que visa explorar modelos de trabalho com uma forte vertente de intervenção artística na comunidade e será desenvolvido por um grupo de dez artistas, entre os quais um coreógrafo, uma artista plástica e vários músicos, que trabalham com cerca de 40 crianças, entre os 7 e os 10 anos, e com o mesmo número de adultos. “Brincar” será a palavra de ordem, mas a intenção “não é meramente recreativa: pretende-se que seja uma forma de interagir, de comunicar, de ligar as pessoas, de expressar e desenvolver afectos, de ensinar e aprender”.

A performance *Um Plácido Domingo* decorre no **dia 11**, entre as 10h30 e as 12h30, e todos os visitantes do Jardim são convidados a participar. ■

Uma nova orquestra



A estreia está marcada para 11 de Setembro no Largo que já se tornou familiar a esta Orquestra – o do Intendente. A Orquestra Todos recebeu o nome do Festival que, pelo terceiro ano consecutivo, vai tentar mostrar as singularidades de um bairro que muitos lisboetas não conhecem. Formada nos últimos meses à semelhança da sua precursora, a da Piazza Vittorio, a Orquestra Todos apresenta músicos de muitas nacionalidades e culturas e quer envolver toda a comunidade através da música.

Este projecto podia começar como uma história: Era uma vez uma orquestra que nasceu contra a corrente, em protesto contra os que limitavam a imigração. Foi assim em Roma no pós-11 de Setembro, quando a Lei Bossi-Fini criminalizou a imigração ilegal. Mário Tronco decidiu então reunir músicos imigrantes e criar uma orquestra que mostrasse aos romanos as especificidades culturais e a forma como elas se podem juntar num projecto criativo, sem violência. A Orchestra di Piazza Vittorio está quase a completar dez anos de existência e está instalada no Auditório de Roma, com discos editados, concertos esgotados por todo o mundo e até já andou em digressão com *A Flauta Mágica*, de Mozart. Em 2009 estiveram em Lisboa, na primeira edição do Festival Todos, e Mário Tronco recorda: “O público era igual à composição da orquestra, em termos geográficos!” Passados dois anos, reunidos os apoios necessários, entre eles o do Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano, a concretização de um projecto semelhante em Lisboa está em marcha. Mário Tronco e Pino Pecorelli, directores artísticos da orquestra italiana, têm escolhido os músicos, um por um, e realizado os ensaios da orquestra durante estes meses de Verão.

À sala do Sport Clube Intendente continuam a chegar músicos vindos maioritariamente dos países lusófonos – dois brasileiros, um moçambicano, um guineense, dois cabo-verdianos –, mas também um italiano, um português e um espanhol. Há guitarras, bateria, percussões várias, um djembê, um piano, uma cítara e outros instrumentos.

Esta vai ser uma orquestra diferente da italiana, “onde há muita gente do Norte de África e muitos romenos”, diz Mário Tronco, “aqui são mais dos países lusófonos”. O maestro da Piazza Vittorio confessa o prazer que teve ao verificar que estava a criar um projecto completamente diferente: “O mais interessante é a mistura, porque a cultura portuguesa também

entrou nesses países e regressa aqui, produzindo algo diferente.” O director artístico do festival, Giacomo Scalisi acrescenta: “É uma linguagem nova, porque parte da cultura original de cada um, mistura-se com a portuguesa e, depois, renunciando a ela própria, vai ao encontro de outras, para criar uma linguagem que não existe ainda.”

LABORATÓRIO MULTICULTURAL

A partir dos originais apresentados por cada músico, Mário acrescenta a sua orquestração – uma cítara que se junta ao samba, um djembê a ritmar o fado, ou uma voz africana a explorar novas sonoridades. “Descobrimos autores riquíssimos e com boas composições”, diz o maestro, que sublinha a abertura da Orquestra: “Temos uma liberdade enorme.” Ao lado, Giacomo Scalisi concorda: “Há uma vontade de descobrir e construir uma nova musicalidade lusófona.” Com um grupo base de cerca de dez elementos, os criadores da Orquestra querem que ela seja “completamente aberta” e que, em cada concerto, possam ser convidados vários músicos que colaboram, mas não são residentes. Scalisi lembra que a ideia do Festival era abrir a reflexão sobre a cidade de Lisboa, “sobre o que é hoje a cidade, como são as pessoas e como a cidade se modifica dia a dia”. Escolhendo o Martim Moniz como ponto de observação, Scalisi acredita que este é “um laboratório multicultural do futuro de Lisboa, mas também das cidades europeias”.

Na sala do Sport Clube, os músicos não param os ensaios e acertam as composições que vão interpretar na noite de 11 de Setembro. As portas estão abertas e há instrumentos em todos os cantos, à mistura com os materiais de gravação, espécie de bloco de notas para rever orquestrações e ritmos. E, no meio da música, há palavras portuguesas ditas com muitos sotaques. ■

Gulbenkian Música 11/12

O regresso de Karita Mattila

Dois espectáculos aliciantes vão marcar a abertura da **Gulbenkian Música 11/12**, depois do Festival Jazz em Agosto ter animado as noites no Jardim Gulbenkian, a partir do Anfiteatro ao Ar Livre.

De volta agora ao Grande Auditório, a temporada inicia-se com um recital de **Karita Mattila**, uma das mais aclamadas sopranos da actualidade (**dia 17, às 19h**), seguindo-se dois concertos pelo Coro e Orquestra Gulbenkian (**dia 29, às 21h, e dia 30, às 19h**) que apresentam uma das obras-primas absolutas do repertório musical: *A Criação* de **Joseph Haydn**.

Neste seu regresso à Fundação, depois do memorável recital de 2006, Karita Mattila, acompanhada ao piano por Martin Katz, traz agora um programa de canções de **Richard Strauss** (*Der Stern, Wiegenlied, Allerseelen, Frühlingsfeier*), **Claude Debussy** (*Harmonie du soir, Le jet d'eau, Recueillement*), **Johannes Brahms** (*Meine Liebe ist Grün, Wiegenlied, Von ewiger Liebe, Vergebliches Ständchen*) e **Alban Berg** (*Sieben frühe Lieder*).

GRANDES ORATÓRIAS DE HAYDN

Quanto ao concerto de abertura, será o primeiro de um ciclo dedicado às grandes oratórias de Haydn. *A Criação* será dirigida pelo jovem maestro **Ainars Rubikis**, vencedor



do Concurso Internacional de Direcção de Orquestra Gustav Mahler 2010. A partir do primeiro livro da Bíblia, o Génesis, Haydn explora caminhos inovadores, usando recursos nunca antes utilizados para evocar, por exemplo, a passagem do caos à ordem. Ruth Ziesak (soprano), Robert Murray (tenor) e Neal Davies (baixo) são os solistas convidados.

Estes espectáculos dão início a uma temporada dominada pela música russa, no Outono, e, pela ópera de Wagner, na Primavera, e que vai reforçar algumas apostas lançadas no ano passado, como o **Festival de Inverno**, o ciclo **Músicas do Mundo** e as **transmissões em directo da Metropolitan Opera de Nova Iorque**.

Quanto às novidades, destaque para o ciclo **Teatro/Música**, resultado de uma parceria inédita com o Teatro Maria Matos, e que vai apresentar algumas aproximações entre as duas formas de arte: concertos encenados, teatro musical, ópera contemporânea, musicais vanguardistas e encenações surpreendentes de grandes obras do repertório operático. Ao longo da temporada, a Gulbenkian Música 11/12 apresenta 142 concertos (num total de 165 eventos), cruzando música, teatro, dança, cinema e ainda um programa de conferências a enquadrar a programação. ■

Mais informações e apresentação vídeo da temporada em www.musica.gulbenkian.pt



Ana João Romana, Leporello

Pequeno Grande ©

Este é um desafio, em forma de concurso, dirigido a todos os alunos do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico com o objectivo de educar e sensibilizar o público mais jovem para a criatividade e a criação artística, mas também para os direitos de autor. O concurso abre no dia 15 e pretende mobilizar professores e alunos dos 6 aos 12 anos de idade para a importância de explorar a imaginação e a singularidade de cada um e de as expressar através da criação de uma obra original, realizada em equipa e desenvolvida em sala de aula. Os autores do projecto – AGECOP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian (Descobrir e Serviço de Educação e Bolsas) – querem inculcar nos mais pequenos o respeito pelo trabalho criativo como valor fundamental de cidadania.

COMO PARTICIPAR

“Escreve com as tuas palavras, ilustra com os teus desenhos, faz da tua obra um livro!” é o lema do concurso e a participação é simples, requer apenas o entusiasmo de uma turma com a tutoria de um professor. Cada equipa deve criar um *livro de autor*, passando pela composição do livro propriamente dito, pela criação de uma única narrativa e pela respectiva ilustração. Quem quiser participar, pode fazê-lo através do site www.pequenograndec.org (informações: **218 486 605** ou pequenograndec@pequenograndec.org) entre **15 de Setembro e 31 de Outubro**. Os trabalhos finais terão de ser entregues até ao dia 18 de Fevereiro do próximo ano.

No sentido de actualizar e enriquecer o reportório de materiais, ferramentas, técnicas e metodologias de trabalho dos professores dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, o Programa Gulbenkian Educação para a Cultura/Descobrir vai realizar

cursos práticos, divididos em três partes, com o seguinte programa:

Construção de narrativas

Incentivar os alunos para a escrita nem sempre é tarefa fácil. É precisa muita energia para ultrapassar certos bloqueios, entre eles o medo da folha em branco. Nesta oficina serão experimentadas várias ferramentas e dispositivos para “massajar a criatividade”, introduzindo no processo de escrita um carácter lúdico que pode facilitar a concretização dos objectivos. O importante muitas vezes é encontrar pontos de partida estimulantes.

Ilustração

Este curso pretende ser uma viagem prática pelo processo criativo da ilustração para livros. Será feita a ilustração de um livro de autor.

Livro de Autor

O livro de autor ou livro de artista começou com William Blake, no século XVIII. Foi o primeiro artista a pensar o livro como suporte para uma obra de arte. Os conteúdos do programa serão antecedidos por uma sessão teórica sobre a história dos livros de autor e a análise de exemplos. A componente prática inclui a estrutura do livro de cadernos, a encadernação japonesa, o livro em harmónio, o livro instantâneo, a engenharia do papel e o livro espontâneo de material reciclado. ■

Cursos realizados no âmbito do Protocolo de colaboração entre o Descobrir e o Centro de Formação de Escolas António Sérgio.

Concepção e Orientação: Cristina Carrilho da Graça, Catarina Requeijo, Inês Barahona, Margarida Botelho, Maria Remédio, Ana Romana, Cristina Gonçalves

5, 12 e 19 Novembro | 10h às 13h e das 14h30 às 16h30 [3 sessões de 5h]
www.descobrir.gulbenkian.pt

Reabilitar casas a custo zero

Uma ideia de origem portuguesa

O projecto Reabilitação a Custo Zero foi o vencedor da primeira edição da iniciativa FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, lançada pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação Talento na diáspora portuguesa.

Escolhida entre as dez candidaturas que integraram a segunda fase do FAZ, Reabilitação a Custo Zero vai receber, para a sua execução prática em Portugal, um apoio financeiro no valor de 50 mil euros.

José Paixão, arquitecto, Diogo Coutinho, engenheiro civil, e Angélica Carvalho, estudante de Arquitectura, constituem a equipa deste projecto-piloto, que tem por base a criação de uma organização sem fins lucrativos que contribua, em conjugação com os senhorios de prédios degradados, para a reabilitação dos seus edifícios a custo zero. Inicialmente pensada para a cidade do Porto, Reabilitação a Custo Zero pode vir a adaptar-se a todas as cidades com prédios degradados onde os senhorios, por falta de capacidade financeira, não possam recuperar as suas casas.

O júri (presidido por João Caraça e composto por Daniel Bessa, Diogo Vasconcelos, Isabel Almeida Rodrigues, Luísa



Schmidt e Simone Duarte) considerou que o projecto foi o que “melhor cumpriu os desígnios desta iniciativa, com base nos critérios de originalidade, inovação, potencial de impacto social e sustentabilidade”. Esta primeira edição foi dedicada à memória de Diogo Vasconcelos, recentemente falecido. Além de ter sido consultor da Fundação Gulbenkian e membro do júri, Diogo Vasconcelos representou o espírito de inovação e empreendedorismo que estão na base da criação desta iniciativa.

O FAZ – Ideias de Origem Portuguesa foi criado pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação Talento, como um desafio à diáspora portuguesa para constituir equipas com outros portugueses (residentes em Portugal ou não) e apresentar novas propostas nas áreas do ambiente e sustentabilidade, inclusão social, diálogo intercultural e envelhecimento. Ao longo destes meses, desde a sua implementação até ao processo de selecção das candidaturas, foram apresentadas 203 ideias, provenientes de 28 países dos cinco continentes. Face ao sucesso alcançado nesta primeira edição, a iniciativa passará a realizar-se de dois em dois anos. ■

Hip Hop pela Paz

No dia 10 de Setembro, a partir das 21h, o Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian acolhe o concerto de lançamento do CD *Hip Hop pela Paz*, que regista os sinais, as mensagens e as marcas criativas de um grupo de jovens envolvidos no projecto.

O fio condutor do *Hip Hop pela Paz* é o da sensibilização e empenhamento de jovens nos valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida de uma cultura de paz. Através de expressões artísticas da cultura hip-hop, nas suas diversas vertentes, o projecto fortalece os talentos,

qualidades e competências dos jovens envolvidos, tentando contribuir para a inclusão de outros jovens no quotidiano cultural do seu bairro. Depois de ter apoiado o *Hip Hop de Baton*, projecto liderado apenas por mulheres, que alertava para situações de violência e desigualdade de género, a Fundação Gulbenkian volta a apoiar a Associação Diálogo em Acção neste esforço de promoção da não-violência e do diálogo, no sentido de potenciar a criatividade rítmica e musical, num contexto de interacção sociocultural e de inclusão social. ■



Irina e António, protagonistas do filme

Gesto

Este filme é sobre António Coelho, um rapaz de 17 anos que tem um sonho – fazer um filme com actores profissionais e estudar no estrangeiro para ser realizador de cinema. António estuda na Escola Jacob Rodrigues e, como muitos que a frequentam, é um não ouvinte que comunica com o mundo através de linguagem gestual. Uma outra língua, a mesma forma de sonhar, num filme realizado por António Borges Correia e produzido pela ZulFilmes, de Fernando Centeio, que antestreia no Auditório 2, no dia 20 (ver agenda). Apoiado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, Gesto mostra a força das convicções de um jovem, mas também as aspirações de muitos outros que fazem parte de uma comunidade de pessoas para quem o silêncio é uma forma de vida.

COMO SURTIU A IDEIA DE FAZER ESTE FILME?

António Borges Correia (A.B.C.) – Estava a meio de um outro projecto com veteranos de guerra e, uma certa noite, estava a jantar num restaurante com demasiado barulho e não conseguia comunicar com as pessoas que estavam à minha volta. Entretanto, entrou um casal de jovens. Obriguei-me a fazer uma panorâmica com eles até à mesa onde se sentaram e comecei a observá-los a comunicarem em língua gestual portuguesa. Este contraste entre o som e a ausência de som levou-me a ver que eram os únicos a conseguir comunicar naquele espaço. Nesse preciso momento, percebi que tinha de fazer um filme sobre isto; não sobre o ser surdo, mas no sentido de poder questionar sobre som e imagem e sobre códigos.

Fernando Centeio (F.C.) – Quando o António me falou no projecto, senti que poderia trabalhar com ele. Ao mesmo tempo, atraía-me esta realidade desconhecida – vamos ver como são os não ouvintes. Também já me tinham acontecido situações como a do António no restaurante e ter ficado a pensar na comunicação dos não ouvintes. E gostei muito da ideia.

E COMO APARECEU A HISTÓRIA DO ANTÓNIO?

A.B.C. – Eu e o Fernando decidimos visitar a Escola Jacob Rodrigues e deparámo-nos com uma turma numa aula de cultura visual; aí descobrimos uma curta-metragem que eles tinham produzido e realizado, com pessoas e meios da escola. Nessa altura, descobri o protagonista – o António Coelho – e a história, sem nenhuma hesitação. Eu sabia que

queria fazer um documentário, respeitando aquilo que são as minhas inquietações actuais sobre o que é fazer cinema. *Gesto* é um filme sobre um rapaz chamado António, agora com 18 anos, que quer ir estudar para o estrangeiro e quer ser realizador de cinema.

QUAIS SÃO ESSAS INQUIETAÇÕES SOBRE O CINEMA?

A.B.C. – Tento fazer a fusão entre ficção e documentário de maneira a questionar o que é cada um desses géneros e qual a sua função. Actualmente, a forma como conhecemos estas linguagens está esgotada. O que eu faço (com muita humildade) é arriscar tudo, fazendo produtos que o espectador estranha, uma vez que foi ensinado a ver uma comédia, um filme de aventuras, um filme de acção... Estamos a lidar com uma linguagem que acreditamos que é a realidade. Então, procuro ligar estes conceitos, não para confundir o espectador, mas para fundir os géneros, de maneira a que o espectador reflecta sobre o que é hoje fazer documentário e ficção. Falo de risco, porque é muito difícil vender estes filmes. Não concordo com os que defendem que o documentário é a linguagem do real; vejo nisso uma perspectiva redutora e cínica, porque, quando se coloca a câmara numa situação, ela transforma a realidade. Há sempre a influência do realizador naquilo que é a observação de um espaço, de um tempo e de uma realidade.

FALA-SE DE RISCO. COMO FOI PRODUZIR UM FILME COMO O *GESTO*?

F.C. – Um enorme risco. Este é o primeiro projecto da ZulFilmes e há uma boa vontade enorme da equipa que o fez. Sabíamos que o filme só seria possível naqueles *timings*, com ou sem dinheiro; procurei os patrocínios e tive uma preocupação inicial, a de arranjar contrapartidas para quem nos apoiou, como a Fundação Gulbenkian. Aí foi determinante a participação da RTP2.

PORQUÊ *GESTO*?

A.B.C. – Tem muitos sentidos, mas é sobretudo por causa da linguagem e porque se trata de um filme sobre uma outra língua; o gesto está mais associado à língua gestual, mas tem a ver com os gestos de todos. Gosto dos múltiplos sentidos das palavras.

NO FILME HÁ UMA CENA EM QUE OS DOIS JOVENS, ÍRINA E ANTÓNIO, DISCUTEM POR TELEMÓVEL, ATRAVÉS DE MENSAGENS ESCRITAS. AFINAL, ESTA É UMA REALIDADE MUITO COMUM AOS JOVENS, APESAR DE, NO FILME, SE TRATAR DE UMA DISCUSSÃO ENTRE NÃO OUVINTES. PROCURAVA ESTA SEMELHANÇA?

A.B.C. – Não gostaria que o filme fosse visto como um retrato de um grupo, de uma comunidade. O que quero fazer é trazer os surdos, os não ouvintes, para o pé de nós. Somos todos iguais, mas temos de olhar para a forma como comunicamos.

Aprendi com o António (o protagonista) a deitar abaixo as barreiras da comunicação, que afinal não são tão impenetráveis como se pensa. Quando começámos a filmar escrevia as minhas indicações de realizador, mas este método não funcionava porque é lento e bloqueante. Nem sempre conseguia transmitir pela escrita aquilo que queria dizer. E o António entendia isso e dizia-me, por gestos: fala, fala. E foi assim que nos começámos a entender.



Irina, protagonista do filme

COMO FOI A RODAGEM NA ESCOLA JACOB RODRIGUES?

A.B.C. – Muito desgastante. Estivemos três semanas dentro da escola. Quando lá fomos a primeira vez, percebemos que não ia ser fácil instalarmo-nos sem impedir o funcionamento regular da escola. No início, fizemos um cronograma que não abrangia os dias todos da semana e que nos ia dificultar muito a produção em termos de custos. Reflectimos muito sobre a melhor forma de não desestabilizar a escola, porque queríamos ter acesso às pessoas e ao espaço, mas, ao mesmo tempo, não podíamos colidir e alterar a dinâmica entre as pessoas. Mas ir dois dias ou três por semana não resultava, porque não entrávamos na dinâmica deles. Era preciso conversar, almoçar na cantina, perceber a escola, etc...

F.C. – A nossa preocupação foi sempre fazer a ponte entre o realizador e a realidade local, sem a alterar. Mas, a partir de determinado momento, começou a haver material técnico por todo o lado e acabámos por transformar o dia-a-dia. A diferença está entre integrarmo-nos ou impormo-nos, que era a última coisa que queríamos fazer. O gratificante do cinema é isto: conseguirmos instalar-nos numa determinada realidade, fazer parte dela, aprender e crescer com ela, e sair e continuar a fazer alguma coisa com isso. A Escola deu-nos tanto que agora vamos retribuir, reabilitando lá um espaço porque queremos deixar uma marca, um espaço *Gesto*. Esta dinâmica é também a forma de agradecer à Escola pela forma como nos receberam. ■



Aspecto geral da exposição em Macau

Património de Origem Portuguesa

em inglês, na internet e com volume de índices

O projecto *Património de Origem Portuguesa no Mundo – Arquitectura e Urbanismo*, obra editada em três volumes pela Fundação Gulbenkian, com direcção científica de José Mattoso, vai ter continuidade na internet através da criação de um portal interactivo, que deverá estar concluído até ao final deste ano.

A iniciativa ficou estabelecida num protocolo de colaboração assinado, no final de Junho, entre a Fundação, a Universidade de Coimbra, a Universidade de Évora, a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa. A concepção e produção do portal será da responsabilidade dos coordenadores dos volumes publicados e a sua posterior gestão estará a cargo das universidades, através das suas unidades orgânicas com trabalho consolidado nas áreas da herança cultural, da arquitectura, do urbanismo e da história das regiões onde a presença portuguesa teve significado histórico. Com vista a ampliar o seu âmbito temático e científico, o portal adoptará a designação *Portuguese Influence Heritages / Heranças de Influência Portuguesa* (Pihip) e será bilingue, apresentando conteúdos em português e em inglês.

LIVROS SOBRE PATRIMÓNIO APRESENTADOS EM MACAU

Os dois volumes dedicados ao Património de Origem Portuguesa na América do Sul e na Ásia e Oceânia estão já disponíveis em inglês. O volume sobre o continente asiático foi apresentado em Macau, com a presença do presidente da Fundação Gulbenkian e do coordenador do volume, Walter Rossa.

Na ocasião foram apresentadas as versões portuguesa e inglesa do livro em que Macau ocupa cerca de um décimo do tomo e contém referências à malha urbanística de, entre outras, a Avenida Almeida Ribeiro, o Bairro de São Lázaro, o fecho da baía da Praia Grande, o Largo do Senado, a fachada da Igreja de São Paulo, o aeroporto e o Hotel Casino Lisboa. Depois do texto de enquadramento histórico



Walter Rossa, Emílio Rui Vilar e Jorge Cavalheiro

e urbanístico de Macau, seguem-se cinco entradas sobre conjuntos de maior importância estruturante no desenvolvimento da malha urbana: a evolução do sistema defensivo, arquitectura militar e religiosa, equipamentos e infra-estruturas e habitação, incluindo cartografia de apoio.

No antigo Leal Senado, actual Edifício do Instituto dos Assuntos Cívicos de Macau, foi aberta ao público a exposição *O Património Histórico de Origem Portuguesa no Mundo e a Fundação Calouste Gulbenkian*, uma iniciativa do Instituto Camões com o apoio da Fundação Jorge Álvares.

ÍNDICES DO PATRIMÓNIO DE ORIGEM PORTUGUESA

Dada a extensão, variedade e complexidade informativa dos três volumes que constituem esta obra, em português, e que abrangem um período histórico de quase seis séculos ao longo de 1700 páginas, foi entretanto publicado um volume de índices, que se apresenta como um instrumento de trabalho, facilitando a consulta de toda a obra e a pesquisa de informação específica. São assim seis os índices apresentados, construídos a partir de dados objectivos fornecidos pelos textos: índice de colaboradores, de geo-referenciação, de cartografia urbana, cronológico, onomástico e toponímico. ■



Noé Sendas, *O Resto é Silêncio II*, 2003



Teresa Magalhães, *Sem Título*, 1971

Labirintos

A partir de **29 de Setembro**, um conjunto de obras da coleção do CAM forma a exposição *Labirintos*, que vai buscar o seu título ao Fórum Gulbenkian Saúde 2011, desenvolvido sob o tema “*Labirintos da Adolescência – Roads to Whatever*”. Este colóquio realizar-se-á entre 25 e 26 de Outubro, com a participação de especialistas nacionais e estrangeiros em áreas como a saúde física e mental dos adolescentes, os distúrbios alimentares, as adições e os problemas relacionados com a sexualidade.

Associada a este colóquio, a exposição *Labirintos* propõe um espaço alternativo de reflexão, com uma selecção de obras ancorada no imaginário adolescente, com as suas angústias, perturbações e fantasias, mas também ligada às questões da identidade e da sua determinação neurobiológica, cultural e psíquica. No fundo, “os problemas dos adolescentes não são tão radicalmente diferentes daqueles que todos temos: os que advêm do desafio de dar um sentido a nós próprios e a tudo o que acontece”, como escreve a curadora, Leonor Nazaré, no catálogo da exposição.

As obras seleccionadas incluem o trabalho de artistas como Ana Jotta, João Pedro Vale, Noé Sendas, Nuno Cera, Paula Rego, Sérgio Pombo e Teresa Magalhães, entre muitos outros. A exposição ocupará o Piso 01 da Sede da Fundação até **17 de Novembro** e tem entrada livre. ■



Paul Cézanne, *Natureza-Morta com Pote de Gengibre e Beringelas*, 1890-1894 © The Metropolitan Museum of Art/Art Resource/Scala, Florence

Natureza-morta na Europa

É inaugurada em Outubro a grande exposição do Museu Calouste Gulbenkian dedicada à pintura de natureza-morta europeia, com obras de Cézanne, Van Gogh, Picasso, Dalí, Gauguin e tantos outros. Neil Cox, o comissário da exposição, desvenda o que vamos poder ver a partir do dia 21 de Outubro.

O Museu Calouste Gulbenkian vai inaugurar a segunda parte de uma grande exposição em que se pretende estudar os diferentes aspectos da pintura de natureza-morta na Europa. Na qualidade de comissário desta segunda parte, coube-me o desafio de ponderar como poderíamos pensar em algo tão tradicional como a natureza-morta, isto é, a representação de um grupo de objectos – sejam eles flores, instrumentos, conchas ou uma caveira, geralmente colocados sobre uma mesa – no contexto da modernidade.

Com o título geral em inglês *In the Presence of Things* (Na Presença das Coisas), esta mostra, em duas partes, recebeu, em português, o nome de *A Perspectiva das Coisas*, cujo significado, ainda que ligeiramente diferente, não deixa de ter a sua pertinência. A segunda parte da exposição tem como ideia base explorar de que modo, num contexto de modernidade, o significado da natureza-morta se alterou à medida que o significado dos objectos, e a experiência subjectiva dos mesmos, também se alterava. E, dado que

é praticamente impossível construir desta vez uma narrativa histórica uniforme, poderão **os visitantes contar com uma viagem através de uma diversidade de temas, plena de nomes surpreendentes, lado a lado com as figuras mais destacadas da história da arte moderna.**

É hoje comum a ideia de que a arte moderna é interessante porque nos apresenta as reacções do artista perante o mundo, recorrendo à pintura para exprimir ideias ou sentimentos, em lugar de nos apresentar uma representação realista do mesmo. É claro que a própria ideia de que as reacções subjectivas são interessantes é já, em si, moderna, podendo nós a este propósito pensar na obra de Freud ou no surgimento do romance psicológico como prova disso mesmo. A exposição defende que esta aproximação ao subjectivo, e consequente afastamento dos imperativos do real, contou com a ajuda da invenção da fotografia por volta de 1840. A fotografia produzia imagens através da luz reflectida nos objectos e nas pessoas, e fê-lo segundo uma óptica completamente diferente. É fácil de constatar que esta tecnologia libertou a pintura da incumbência da representação realista e, ao fazê-lo, abriu o caminho para que artistas como Vincent van Gogh, Henri Matisse ou Odilon Redon (todos eles representados na exposição) pintassem segundo uma nova noção de liberdade em termos de cor e de forma. Usando as palavras do poeta Stéphane Mallarmé em 1864, a tarefa consistia agora em “pintar, não o objecto, mas o efeito que ele produz”. Nesta frase, podemos já verificar que o estatuto do objecto se tornou um problema: os objectos são “efeitos” numa pintura que agora nos apresenta os sentimentos do artista.

Se considerarmos uma outra perspectiva, podemos concluir que a fotografia não aboliu o realismo, tendo, outrossim, contribuído para uma nova compreensão da realidade. Segundo este ponto de vista, as fotografias foram ao encontro do positivismo oitocentista e de certas políticas progressistas. O “realismo” de Gustave Courbet é o melhor exemplo disso mesmo. Mais tarde, a ideia de que a fotografia apresentava uma nova forma de realidade seria adoptada e transformada pelo Surrealismo. Salvador Dalí, por exemplo, combinava um fascínio pela realidade revelada pela fotografia com uma técnica pictórica que pretendia sugerir a qualidade expressiva, quase fotográfica, dos sonhos. Mas, à semelhança de outros artistas surrealistas representados na exposição, como René Magritte e Max Ernst, Dalí não defendia o tipo de realismo presente em Courbet. O termo “surrealismo” pretendeu anunciar a resolução do hiato existente entre a experiência inconsciente e consciente, entre o sonho e a vigília.

Os artistas modernos trabalhavam numa situação de mercado; como tal, muitas das obras apresentadas foram criadas por pintores que desenvolveram uma maneira ou uma temática característica, que lhes granjearia o sucesso comercial. Chaïm Soutine, por exemplo, era inicialmente

um artista pobre com um fascínio pelo espectáculo da carne, patente em *O Boi Esquartejado* de Rembrandt (Museu do Louvre, Paris). Soutine era um lituano que partiu para Paris para se tornar um artista moderno. Muitos dos maiores artistas portugueses modernistas, incluindo Amadeo de Souza-Cardoso e Eduardo Viana, fariam o mesmo, assim como o espanhol Pablo Picasso. A presente exposição, constituída por mais de noventa obras, tem como objectivo contar a história destes artistas, colocando simultaneamente a questão da modernidade. ■ **Neil Cox**

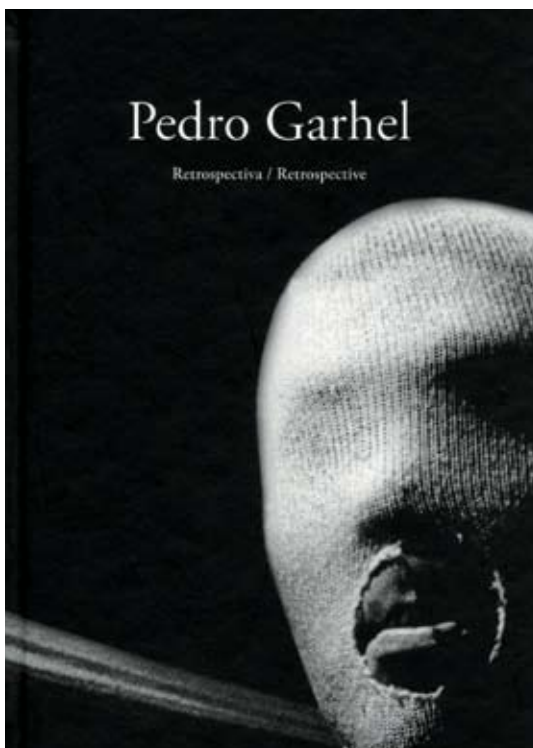
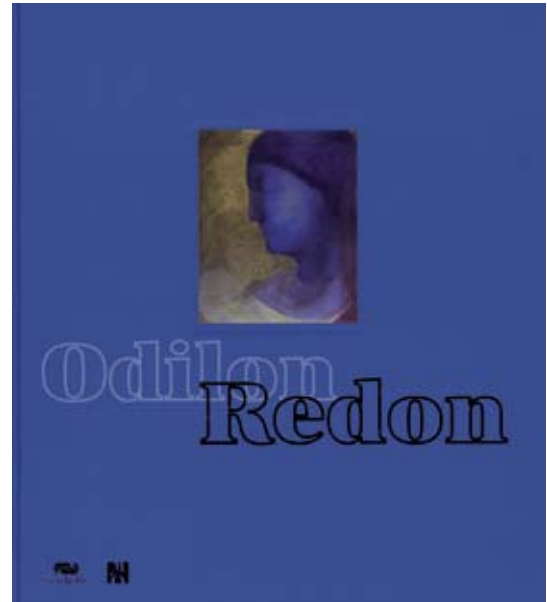


Vincent van Gogh, *Ramos de Castanheiro em Flor*, 1890 © Foundation E.G. Bührle Collection, Zurique

NEIL COX é especialista em arte francesa do século XX, com fortes interesses teóricos e filosóficos, tendo escolhido Picasso como tema da sua tese de doutoramento. Organizou, em 1995, uma importante exposição sobre a representação de animais na obra de Picasso, sendo co-autor do livro que acompanhou a mesma, *A Picasso Bestiary*. É igualmente co-autor de um livro sobre Marcel Duchamp, da *World of Art Series* da editora Thames and Hudson, autor de *Cubism*, integrado na série *Art and Ideas* da Phaidon, bem como de *The Picasso Book* publicado pela Tate. É membro da International Advisory Board of the Research Forum do Courtauld Institute. É professor de História e Teoria da Arte na Universidade de Essex.

Catálogos de Exposições na Biblioteca de Arte

Depois de ter sido mostrada nas Galerias do Grand Palais (Paris), a exposição *Odilon Redon, prince du rêve, 1840-1916* pode ser actualmente visitada no Museu Fabre (Montpellier), até 16 de Outubro, e surge na sequência de outras entretanto realizadas sobre este pintor, como a que o MOMA (Nova Iorque) lhe dedicou em 2005. Em França, esta é a maior retrospectiva desde 1956 e reúne cerca de 170 pinturas, pastéis, desenhos (alguns dos quais inéditos), a que se junta um conjunto significativo – cerca de 100 – de gravuras e litografias e ainda algumas peças que Odilon Redon criou no âmbito das artes decorativas. Embora tenha sido contemporâneo dos impressionistas, as escolhas estéticas de Redon foram diversas: à representação da vertigem das transformações do mundo do *fin de siècle*, ele preferiu o mundo imaginário e misterioso dos sonhos e dos signos, que magistralmente representou nos seus célebres *Noirs*, tornando-se num dos precursores do Surrealismo. A impossibilidade de visitar esta exposição poderá ser, de algum modo, compensada pela consulta do seu magnífico catálogo, coordenado editorialmente pelo curador, o historiador de arte Rodolphe Rapetti. Para além de seis ensaios, contém a reprodução das obras expostas, acompanhada por um texto e respectiva ficha de identificação, uma exaustiva cronologia, uma bibliografia que inclui artigos em periódicos, catálogos de exposições e catálogos de *Salons* e uma lista de todas as exposições em que o artista participou. Como anexo, foi publicada, em suporte digital, a transcrição duma série de manuscritos de Odilon Redon, reunidos sob o título de *Livre de raison*. ■



A exposição *Pedro Garhel, retrospectiva*, que se apresenta até ao dia 23 de Outubro no Tenerife Espacio de las Artes, em Santa Cruz de Tenerife (Canárias), é dedicada a um dos pioneiros em Espanha da videoarte, da performance e da utilização das novas tecnologias multimédia na criação artística: Pedro Garhel (1952-2005). Trata-se de uma exposição retrospectiva que reúne cerca de 100 peças – vídeo, instalação, fotografia, gravações sonoras e desenho – que proporcionam um conhecimento mais alargado do percurso artístico de Garhel, desde as suas primeiras criações, nos anos 70, até à sua última intervenção no espaço público, em 2004. Da responsabilidade curatorial da crítica de arte Karin Ohlenschläger, o projecto museográfico explora as linhas de força que nortearam a criação do artista e que atravessaram todas as suas obras – o corpo e a sua conexão com o espaço e com os outros –, contribuindo para uma melhor compreensão das suas propostas estéticas no contexto da arte espanhola contemporânea. A exposição é acompanhada de um livro/catálogo que contém dez textos (espanhol e inglês) de nove autores, entre críticos e historiadores de arte, como Glòria Picazo e Fernando Castro Borrego, e músicos, como Llorenç Barber, a lista dos trabalhos expostos, uma cronologia da vida e da produção artística do artista e uma bibliografia. Profusamente ilustrada com imagens das performances de Pedro Garhel, é uma obra importante para o estudo da história da arte em Espanha nas últimas décadas do século XX. ■



Ana Hatherly, *Neograffiti*, 2002

Obras de Ana Hatherly em depósito no CAM

Um conjunto de 60 obras de arte de Ana Hatherly, onde se incluem alguns desenhos de António Areal, foi recentemente depositado no Centro de Arte Moderna.

A artista, também poeta e romancista, já estava representada na colecção permanente com 157 obras. O CAM realizou duas das suas mais importantes exposições individuais, a primeira em 1992, uma retrospectiva da sua obra visual entre 1960 e 1990, e em 2000 a exposição *Hand-Made*, comissariada por Jorge Molder. ■

Ruy Belo na Colóquio/Letras

Os 50 anos da obra *Aquele Grande Rio Eufrates*, de Ruy Belo, vão ser assinalados, a 3 e 4 de Novembro, na Fundação Gulbenkian, com um colóquio dedicado ao autor. Já este mês, o novo número da *Colóquio/Letras* publica duas cartas inéditas do escritor e vários artigos de Silvina Rodrigues Lopes, Pedro Eiras, Carlos Felipe Moisés, Fernando J. B. Martinho, Diana Pimentel, Isabel Morujão e Manuel António Ribeiro.

Para além da divulgação de inéditos de João Rui de Sousa e de Luísa Freire e da crónica assinada por Mário Cláudio, surgem, na edição de Setembro, artigos de Teresa Cristina Cerdeira, de Ana Marques Gastão e de Augusto Nascimento. Este número integra ainda recensões no domínio da poesia e da ficção (também no âmbito da literatura angolana e brasileira), do diário, do ensaio, do teatro e da tradução. As obras da capa e do interior são da autoria do pintor Pedro Calapez. ■



Biblioteca de Arte atinge número recorde no FLICKR

A visualização das colecções fotográficas da Biblioteca de Arte, disponíveis na rede social Flickr, atingiu os três milhões em Agosto. A Biblioteca tem mais de sete mil fotografias disponíveis na rede e quando iniciou o projecto, há três anos, quis alargar o acesso a estas colecções únicas do património português e conquistar novos utilizadores, para além do público especializado. Com quase três mil utilizadores permanentes, a disponibilização das fotografias permite a sua reutilização noutros contextos, desde blogs até sítios web. ■



Jodi Bieber (África do Sul), Série *Going Home*, 2001, exposition panafricaine – Bamako 2009

Academia Ubuntu

O grupo de jovens descendentes de imigrantes africanos que integra a Academia Ubuntu participou nas comemorações do Dia Mandela no Palácio de Belém, numa iniciativa do Presidente da República, em que esteve presente o presidente da Fundação Gulbenkian. Emílio Rui Vilar acompanhou também os jovens da Academia numa visita guiada à exposição *Fronteiras – Encontros de Fotografia de Bamako*, que esteve patente na Fundação até final de Agosto. Inspirada em personalidades de referência da cultura africana, como Nelson Mandela e Martin Luther King, a Academia Ubuntu é uma iniciativa de formação para a liderança dirigida a jovens entre os 14 e os 30 anos, para que estes exerçam uma influência positiva dentro das comunidades em que se inserem, ou seja, bairros que muitas vezes enfrentam problemas graves de pobreza e exclusão social. A iniciativa do Instituto Padre António Vieira é apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Fundação Oriente e pelo Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, da Universidade Católica Portuguesa. ■

Profissionais de saúde dos PALOP e Timor estagiam em Portugal

Dez médicos, dois biólogos, um psicólogo, sete enfermeiros e um técnico de laboratório dos países africanos de língua oficial portuguesa e de Timor estão em estágio, por um período de três meses, nos hospitais civis portugueses. Esta iniciativa da Fundação Gulbenkian, no âmbito da Ajuda ao Desenvolvimento, destina-se a colmatar graves deficiências ao nível da qualificação dos recursos humanos de saúde nos vários países. ■



São Tomé e Príncipe: na rota do vírus da gastroenterite

Investigar as causas da prevalência e epidemiologia de vírus responsáveis por um número elevado de casos de gastroenterite em crianças com menos de cinco anos, em São Tomé e Príncipe, é o objectivo de um estudo apoiado pela Fundação Gulbenkian e levado a cabo pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical, envolvendo o Hospital Ayres de Menezes e seis centros de saúde, tendo ainda como parceiro local o Instituto Marquês de Valle Flor. Os resultados deste estudo poderão contribuir para a introdução em São Tomé e Príncipe de uma vacina contra o rotavírus (RV), principal causador de gastroenterite em todo o mundo. Esta será a melhor forma de prevenção da mortalidade, uma vez que não existem fármacos eficazes neste tipo de infecções – e mesmo a melhoria das condições sanitárias é pouco eficaz na prevenção da morbilidade e mortalidade por este vírus. As estimativas apontam para mais de meio milhão de crianças mortas em todo o mundo, em consequência de infecção por RV. ■

Bolseiros da Fundação distinguem-se em Madrid

A clarinetista Ana Maria Santos e o flautista Rui Borges Maia, bolseiros da Fundação na Escola Superior de Música Rainha Sofia, em Madrid, foram seleccionados para actuar como solistas no concerto de encerramento do ano lectivo. Esta é uma distinção reservada aos alunos que mais se destacaram ao longo do curso e que lhes permite tocar com a Orquestra Sony, formação musical da própria escola. Ana Maria Santos recebeu ainda o Prémio de Melhor Aluna da classe de Michel Arrignon. ■



Recuperar o Parque Ecológico do Funchal

A Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal recebeu apoio financeiro do Programa Gulbenkian Ambiente para o projecto Recuperação da Biodiversidade no Pico do Areeiro e no Campo de Educação Ambiental do Cabeço da Lenha. Na sequência dos incêndios de Agosto de 2010, o Parque Ecológico sofreu uma grande devastação, com cerca de 200 mil plantas indígenas e endémicas da flora da Madeira consumidas pelo fogo. ■

Lar de idosos recuperado na Madeira

Inaugurado em Julho, na presença do presidente da Fundação Gulbenkian e da administradora Isabel Mota, já está em funcionamento o novo lar de idosos do Centro Social e Paroquial de São Bento da Ribeira Brava. Depois do temporal que assolou a Madeira o ano passado, a Fundação decidiu apoiar o realojamento de idosos através de um subsídio de 300 mil euros e um protocolo com as estruturas locais. Esta obra permite dar resposta a um dos problemas mais importantes do concelho, o alojamento de idosos. ■



Cooperação com a Universidade de Cabo Verde

A Universidade de Cabo Verde, reconhecida pelo seu papel determinante no progresso científico, tecnológico e cultural no país, celebrou um protocolo de cooperação com a Fundação Gulbenkian para apoio à formação de recursos humanos, nomeadamente para concessão de bolsas de doutoramento, mas também para apoio ao desenvolvimento curricular na área da Saúde. Do protocolo, assinado pelo administrador da Fundação, Eduardo Marçal Grilo, e pelo reitor da Universidade, Paulino Lima Fortes, fazem parte ainda os apoios à criação da Sala de Música para formação graduada específica, o reforço do acervo bibliográfico de suporte às actividades académicas e de investigação, bem como a assistência técnica ao Projecto Memórias da Educação de Cabo Verde. ■



**Memória Operatória
e Afecto**
**Efeitos do estado emocional
e da valência de palavras
na evocação**
Nuno Gaspar

**Estrutura e Funcionamento
da Interação Verbal
Polémica**
**Contributo para o estudo
da polemicidade em**
Camilo Castelo Branco
Sónia Maria Cordeiro
Valente Rodrigues

Reedições
O Federalista
Alexander Hamilton, James
Madison, John Jay

Já se encontra publicado o catálogo de *Plegaria Muda*, a grande exposição que será inaugurada a 10 de Novembro, no CAM. *Plegaria Muda* (Oração Silenciosa) é uma instalação da artista colombiana Doris Salcedo, concebida a partir da história recente da Colômbia, da sua natureza violenta e dos muitos jovens assassinados e enterrados anonimamente em valas comuns. É uma obra impregnada de luto e memória, mas também de perseverança de vida.

Esta exposição resulta de uma proposta lançada a Doris Salcedo pela directora do CAM, Isabel Carlos, a que se associou o Moderna Museet de Malmö (Suécia), onde *Plegaria Muda* esteve patente até ao início deste mês.

Doris Salcedo (n. 1958) vive e trabalha em Bogotá. No catálogo, a artista escreve sobre o processo de trabalho que deu origem a *Plegaria Muda*, desde a sua incursão, em 2004, pelos guetos de Los Angeles, até ao acompanhamento de um grupo de mães que perderam os seus filhos, jovens provenientes de zonas marginais das cidades colombianas, assassinados sem motivo aparente pelo Exército daquele país. “Considero que a Colômbia é o país da morte insepulta, da vala comum e dos mortos anónimos”, escreve Doris Salcedo. “É importante, por isso, distinguir cada túmulo de forma individual, para assim articular uma estratégia estética que permita reconhecer o valor de cada vida perdida e a singularidade irredutível de cada túmulo.” O catálogo (também à venda em Nova Iorque, no MOMA) apresenta, em três línguas (português, inglês e sueco), ensaios sobre o trabalho de Doris Salcedo, assinados por Isabel Carlos, Mieke Bal, professora da Real Academia de Artes e Ciências dos Países Baixos, e Moacir dos Anjos, curador da 29.ª Bienal de São Paulo (2010). Com *design* de Pedro Nora, o catálogo inclui ainda fotografias de outras obras recentes de Doris Salcedo, como *Shibboleth*, intervenção realizada em 2007 na Turbine Hall da Tate Modern, em Londres.

Até 2012, depois do CAM, a exposição *Plegaria Muda* irá circular por várias instituições museológicas internacionais, como o MUAC, na Cidade do México, o MAXXI de Roma e a Pinacoteca do estado de São Paulo. ■



Segurança do doente em hospitais

Os resultados de um estudo-piloto, realizado pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), apontam para um número não negligenciável de situações que põem em causa a segurança dos doentes nos hospitais portugueses. De acordo com este estudo, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e realizado em três hospitais públicos da região de Lisboa, a maioria das ocorrências adversas são consideradas evitáveis e, apesar de na maior parte dos casos, não terem causado qualquer dano, cerca de 10 por cento provocaram a morte do paciente e, noutras situações, lesões permanentes.

Este trabalho teve por base os processos clínicos de uma amostra de 1.669 doentes internados (num

total de 47.783 admissões) em 2009. Foram detectados 186 casos de problemas decorrentes da prestação dos cuidados de saúde, o que, em 108 dos casos, levou a um prolongamento do período de internamento numa média de 10,7 dias, que se traduziu num custo directo acrescido de cerca de meio milhão de euros.

O estudo apurou que estas situações acontecem essencialmente às classes etárias mais avançadas (75-84 anos) e mais aos homens, 55,4 por cento, do que às mulheres, 44,6 por cento.

Entre as ocorrências mais frequentes estão as lesões durante o internamento, consequência de quedas, queimaduras e úlceras de pressão. O estudo teve ainda em conta critérios como infecções relacionadas com a prestação de cuidados de saúde, a readmissão não planeada no hospital, ligada ao último episódio de internamento ou aos cuidados obtidos anteriormente. O mesmo estudo salienta que em apenas 0,8 por cento dos casos há informação escrita a comprovar que o doente ou familiares foram informados sobre as situações ou que o assunto foi discutido com os mesmos. Segundo Paulo Sousa, professor do ENSP, acções simples como a lavagem das mãos pelos profissionais de saúde, depois da observação de cada doente, conduziria a uma diminuição real da taxa de infecções. Paulo Sousa, coordenador deste estudo com Antonio Sousa Uva, Florentino Serranheira, Ema Leite e Carla Nunes, defende ainda que a colocação de piso antiderrapante entre os quartos e os WC poderiam diminuir também a incidência das quedas. O estudo foi realizado com o objectivo de encontrar soluções que ajudem a diminuir o número de casos, contribuindo para uma maior segurança dos doentes nos hospitais. ■

Outros apoios

Apoio aos refugiados

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados recebeu um apoio financeiro extraordinário, no âmbito da Rede Helpin, para comparticipação nas despesas com a educação secundária nos campos de refugiados da Kakuma, no Quênia.

Envelhecimento: combater o isolamento

Concessão de um subsídio à Associação Envelhecer com Prazer para a realização do projecto-piloto Centro in Domo Nostra, destinado a promover o encontro e o convívio entre pessoas (idosos e não só) com dificuldades motoras. O projecto pretende incentivar a integração social através de actividades de grupo e palestras por via telefónica.

Hortas Biológicas

Apoio ao projecto-piloto Hortas Biológicas Empresariais de Loures, da responsabilidade da Associação Agrobio. Promover a produção e o consumo de produtos de agricultura biológica, bem como a criação de novos empregos no concelho, são alguns dos objectivos do projecto.

Tocar com a Orquestra Gulbenkian foi uma experiência fabulosa

Pedro Gomes | 20 anos | Área: Música / Piano*

QUANDO SURTIU A PAIXÃO PELO PIANO?

Foi surgindo muito naturalmente. Em casa, estive sempre rodeado de música; tenho três irmãs e um irmão, todos músicos profissionais, que me transmitiram essa paixão. Aos quatro anos comecei por tocar em pequenos teclados num curso para crianças muito pequenas intitulado “Estrelita”. Era um curso da Yamaha que o meu pai leccionava na nossa loja de instrumentos musicais, Electromúsica, também escola de música, e agora um conservatório oficializado chamado ArtEduca. A partir daí, a paixão pelo piano foi crescendo sem eu dar conta, até que um dia pensei: “É mesmo isto que eu quero fazer!”

E O QUE FEZ A PARTIR DAÍ?

Quando tinha 16 anos, altura em que decidi que queria verdadeiramente ser pianista, entrei para o Conservatório de Música do Porto. A partir daí fui-me desenvolvendo mais e mais, como músico e como pessoa. Participei em vários concursos, muitos concertos e algumas *masterclasses*. Quando chegou a altura de escolher a universidade, fiz provas nos Estados Unidos e em Londres. Fui admitido no New England Conservatory, em Boston, na Royal Academy of Music e no Royal College of Music, ambos em Londres.

Optei por esta última universidade por causa do meu actual professor, Dmitri Alexeev. Não podia estar mais contente com a escolha que fiz, adoro a universidade e tenho a sorte de o meu professor estar entre os melhores do mundo.

COMO É UM DIA TÍPICO NA UNIVERSIDADE?

Por exemplo, todas as terças-feiras, às 10h, começo com uma aula, chamada *Faculty Class*. Nesta aula, os alunos dos 1.º e 2.º anos de piano tocam para uma assistência constituída pelos alunos desses anos. A aula é orientada por um professor e tanto ele como qualquer aluno pode dar a sua opinião, contribuindo com críticas construtivas. É uma aula onde as mentes estão abertas para receber e dar novas ideias. Aprende-se imenso e fica-se a conhecer os colegas do nosso ano. Depois, durante a semana, há todo o tipo de disciplinas e muitas outras coisas, desde formação musical, história da música e composição, passando por ensaios de música de câmara, aulas de Pedagogia, etc. No próximo ano terei ainda aulas de direcção e de produção de um CD clássico.

Mas a melhor parte do dia é mesmo quando tenho aula com o meu professor de piano. O que tenho aprendido com ele é incomensurável.



O QUE É QUE O MARCOU MAIS ATÉ HOJE?

O momento que me marcou mais foi aquele em que toquei com a Orquestra Gulbenkian, durante dois dias, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, onde interpretei o Concerto para Piano e Orquestra N.º 1 de Prokofiev. Foi a primeira vez que toquei a solo com orquestra e foi uma experiência fabulosa! Tanto a orquestra como o maestro foram excelentes para mim. E o mais engraçado é que quando fui chamado para tocar com a orquestra foi para substituir o grande pianista Sequeira Costa, que estava impedido de tocar nos meses seguintes, e isso ainda me surpreendeu mais.

E QUE OUTROS CONCERTOS SE SEGUEM?

Neste momento, estou a preparar-me para a prova final do Prémio Jovens Músicos, à qual fui admitido em Julho passado. A prova vai realizar-se na Casa da Música no Porto e irei tocar o Concerto N.º 1 de Prokofiev.

Tenho também outros concursos em mente para fazer, este ano e em 2012. Para além dos concursos, tenho também vários recitais e concertos agendados. Um dos recitais vai ser em Londres, em Outubro, onde irei interpretar obras de Liszt dedicadas às comemorações do bicentenário do nascimento deste compositor. ■

COMO É VIVER EM LONDRES?

Pondo de lado as constantes nuvens cinzentas no céu e a falta de um bom bacalhau, Londres é uma cidade excelente! O que mais me impressiona é a quantidade de concertos que há todos os dias, por todo o lado. Tenho dificuldades em decidir a qual devo ir, visto serem tantos, e tenho pena de não ir a todos. E os nomes que aparecem nas grandes salas, como Barbican Hall e Royal Festival Hall, são todos de um nível estonteante.

O facto de viver numa cidade tão activa e tão multicultural é algo que ainda me fascina todos os dias. É uma sorte e um privilégio poder viver numa cidade com tanta variedade de povos, culturas, religiões e centenas de línguas diferentes que são faladas a toda a hora, por todo o lado. Tudo isto me enriquece de uma maneira espectacular.

** Bolseiro da Fundação Gulbenkian no Royal College of Music, Londres*

Biblioteca de Arte

A colecção de Livros de Artista de Hein Semke

A relação dos artistas com o livro é tão antiga como o próprio livro. No início do século XX, o desenvolvimento das técnicas de reprodução contribuiu para que artistas plásticos, escritores e poetas colaborassem na realização de livros, que se tornaram assim suportes privilegiados de experimentações colectivas. Nas décadas de 1960 e 70, o livro voltou a ser utilizado como suporte onde se ensaiaram e expressaram rupturas estéticas. Este relacionamento leva a que a definição do que é um livro de artista nem sempre seja clara e unânime. Isto é, tanto se considera como “livro de artista” todos os que contenham uma intervenção de um artista, como se exclui desta categoria aqueles que reproduzem apenas as suas obras ou que têm ilustrações suas. Mais recentemente, tem-se considerado que o que distingue o livro de artista é a sua utilização como suporte dum projecto artístico específico, não limitado ao papel, à tinta e à escrita, mas incorporando todos os materiais e as técnicas que o artista desejar. Por outro lado, estes objectos têm equilibrado entre uma espécie de última consequência do pressuposto de reprodutibilidade mecânica da obra de arte enunciado por Walter Benjamin, e aplicado por Edward Ruscha no livro *Twentysix Gasoline Stations 1962*, que teve uma edição numerada de 400 exemplares, e a criação única, como aconteceu com o *Livro de Karin (Karin-Bush)*, realizado por Hein Semke em 1965.

Hein Semke nasceu em Hamburgo, em 1899. Depois de uma primeira e curta estadia em Lisboa (1929-30), aqui se fixou definitivamente a partir de 1932, tendo falecido na capital portuguesa em 1995. Os seus anos na Alemanha foram difíceis: parte da infância e adolescência viveu-as num orfanato; alistado como voluntário, viveu o horror das trincheiras na guerra de 1914-18; após o conflito, para sobreviver, teve diversos trabalhos; foi preso pelas suas convicções políticas de cariz anarco-sindicalista e, devido a problemas graves de saúde, foi declarado inválido para o exercício de qualquer ofício. Esta incapacidade, de certo modo, acabou por levá-lo a optar pela formação artística, que realizou nas Academias de Belas-Artes de Hamburgo e de Estugarda (1930-32). Em Portugal, cedo se integrou no círculo artístico da capital. Aliás, no contexto das artes plásticas nacionais do século XX, a obra de escultura e cerâmica de Hein Semke surge a par com a de outros artistas portugueses seus

contemporâneos, com quem partilhou tertúlias. Logo em 1932, Semke participou na 2.ª Exposição dos Artistas Independentes e, ao longo dessa década, mostrou as suas peças de escultura em galerias da capital. Na década seguinte, Hein Semke teve presença regular nos certames em que o SNI promoveu a arte moderna, mostrando trabalhos de escultura e de cerâmica, à qual se tinha vindo também a dedicar. A sua produção cerâmica, em que experimentou e juntou novos processos técnicos a novas formas plásticas, foi decisiva para a renovação da cerâmica portuguesa contemporânea. A partir dos anos 50, dificuldades várias levaram-no a dedicar-se cada vez mais à pintura. Em 1958, Hein Semke realizou o seu primeiro livro de artista, *Flor desconhecida (Blume-unbekannt)*, e até 1985 realizou mais 34. Todos estes livros-álbuns são obras únicas, de dimensões variadas, mas geralmente de grande formato – 60cm x 80cm –, que o artista criou, página a página, utilizando técnicas como a monotipia, a xilogravura, a colagem, a aguarela e o desenho. A paleta cromática é forte, vibrante, expressionista, cheia de amarelos, azuis, vermelhos, rosas, ocres, que materializam flores, máscaras, torsos de mulheres, peixes, elementos recorrentes na sua produção artística. Em alguns, a escrita está ausente, noutros a palavra acompanha a imagem para ajudar a contar histórias. *O Livro de Karin (Karin-Bush)*, realizado em 1965, é um dos que integram a colecção dos 35 livros de artista criados por Hein Semke e que a sua herdeira, Teresa Balté, decidiu depositar na Biblioteca de Arte, reatando, de certo modo, a relação do artista com a Fundação Calouste Gulbenkian, que lhe realizou a primeira exposição retrospectiva, em 1972. **Durante o próximo ano, a Biblioteca de Arte disponibilizará, em regime de acesso condicionado e restrito, estes 35 livros de artista de Hein Semke, que constituem um valioso contributo para o enriquecimento da colecção já existente.** ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP *Karin Bush = Livro de Karin/Hein Semke*

PRODUÇÃO Almada; H. Semke, 1965

DESCR. FÍSIC 27 f.; il. color.; 100 x 65 cm

NOTAS Ed. do artista; obra composta por 27 folhas de cartolina branca com 56 monotípias coladas na frente e verso, 6 folhas de texto

COTA(S) LA 91 RES





Memórias do Sítio, a exposição sobre as memórias do nº 51 da Avenue d'Iéna, inaugura a **21 de Outubro** no Museu Gulbenkian. Mais do que lembrar o que foi a casa de Calouste Gulbenkian, em Paris, a exposição mostra as vivências da família e as obras de arte que lhe estão associadas. (mais informação na próxima Newsletter). ■



Ele percorre os palcos do mundo com as canções berlinenses dos anos 20 e 30, a música “pop mais elegante que existiu até hoje”, como costuma dizer. **Max Raabe** e a **Palast Orchester**, por si criada há 25 anos, prometem um convite à dança no Grande Auditório Gulbenkian, no dia **4 de Dezembro**. ■



Encerram a **30 de Setembro** as candidaturas ao Prémio Empreendedor Imigrante do Ano e à Distinção das Melhores Práticas Autárquicas em integração de imigrantes. Estes concursos são promovidos anualmente, desde 2007, pela Plataforma Imigração. ■

agenda 1 setembro | 15 outubro

exposições

Terça a Domingo das 10h00 às 18h00
Encerram à segunda



LABIRINTOS
OBRAS DA COLEÇÃO DO CAM
DE 29 SETEMBRO A 17 NOVEMBRO
Edifício Sede, piso 01
Curadoria: Leonor Nazaré
Entrada Livre



No JARDIM
ATÉ 30 SETEMBRO
INSTALAÇÕES
Artistas: Raqs Media (Índia),
Nandipha Mntambo (África do Sul)
CHAPÉUS-DE-SOL
Desenhos dos artistas: Bárbara Assis Pacheco
(Portugal), Rachel Korman (Brasil), Isaias Correa
(Chile), Délio Jasse (Angola)

HEALTHCARE IMPROVEMENT WITH LIMITED RESOURCES

CICLO CONFERÊNCIAS QUALIDADE EM SAÚDE
9 SETEMBRO, SEXTA, 10H30

Auditório INFARMED

Por Blanton Godfre, North Carolina State University
College of Textiles, E.U.A.



HIP HOP PELA PAZ
10 SETEMBRO, SÁBADO, 21H00
Anfiteatro ao ar livre

ENCONTRO ÉTICA E TERRITÓRIO

19 SETEMBRO, SEGUNDA, 14H30
Auditório 3

Co-organização: Programa Gulbenkian Ambiente
e Associação Portuguesa de Geógrafos



EXIBIÇÃO DO FILME GESTO

20 SETEMBRO, TERÇA, 21H30

Auditório 2

Realização: António Borges Correia
Produção: ZulFilmes

NOITE EUROPEIA DOS INVESTIGADORES

23 SETEMBRO, SEXTA, 18H30

Pavilhão do Conhecimento, Jardim Botânico Tropical,
Planetário de Lisboa, Centros Ciência Viva, Reitoria
Universidade do Porto, Praça Soares Teixeira
e Planetário do Porto

Co-organização: Agência Nacional Ciência Viva,
Instituto Gulbenkian de Ciência, Instituto de Biologia
Molecular e Celular (Porto), Universidade do Porto
Inovação e Centro de Astrofísica da Universidade
do Porto

SILENT SPRING (PRIMAVERA SILENCIOSA)

DE RACHEL CARSON, 1962

CICLO AMBIENTE. PORQUÊ LER OS CLÁSSICOS?

7 OUTUBRO, SEXTA, 18H00

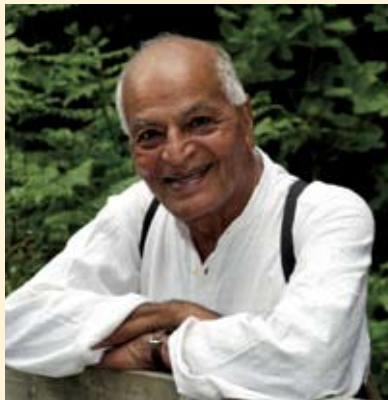
Auditório 3

Orador: José Lima Santos

Comentadora: Teresa Pinto Correia

eventos

Todos os eventos são de entrada livre



SMALL IS BEAUTIFUL:
ECONOMICS AS IF PEOPLE MATTERED
DE E.F. SCHUMACHER, 1973
CICLO AMBIENTE. PORQUÊ LER OS CLÁSSICOS?
2 SETEMBRO, SEXTA, 18H00
Auditório 3
Orador: Satish Kumar (Índia)
Comentadora: Olivia Bina (Portugal)



TRABALHOS COM TEXTO E IMAGEM
DE JOÃO PENALVA
ATÉ 9 OUTUBRO
CAM
Curadoria: Isabel Carlos
€4

gulbenkian música

MÚSICA DE CÂMARA

17 SETEMBRO, SÁBADO, 19H00

Grande Auditório

Karita Mattila SOPRANO

Martin Katz PIANO

Alban Berg, Johannes Brahms, Claude Debussy, Richard Strauss



AS GRANDES ORATÓRIAS DE HAYDN I: A CRIAÇÃO

CONCERTO DE ABERTURA

29 SETEMBRO, QUINTA, 21H00

30 SETEMBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Coro e Orquestra Gulbenkian

Ainars Rubikis MAESTRO

Ruth Ziesak SOPRANO

Robert Murray TENOR

Neal Davies BAIXO

Joseph Haydn

FREIBURGER BAROCKORCHESTER

MÚSICA ANTIGA

2 OUTUBRO, DOMINGO, 19H00

Grande Auditório

René Jacobs MAESTRO

Jeremy Ovenden TENOR

Sophie Karthäuser SOPRANO

Alexandrina Pendatchanska SOPRANO

Marie-Claude Chappuis MEIO SOPRANO

Sunhae Im SOPRANO

Jeffrey Francis TENOR

Michael Nagy BAIXO

Wolfgang Amadeus Mozart

A PORTUGUEZA

TEATRO/MÚSICA

4 OUTUBRO, TERÇA, 21H30

Teatro Maria Matos

Cão Solteiro e Vasco Araújo

Alfredo Keil (música), Henrique Lopes

de Mendonça (letra), Cão Solteiro (produção),

Maria Matos Teatro Municipal (co-produção)

NOVOS CAMINHOS DO FADO

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

6 OUTUBRO, QUINTA, 17H00

Auditório 3

Mesa Redonda

Moderador: Rui Vieira Nery

Entrada Livre

RECITAL DE GUITARRA PORTUGUESA

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

6 OUTUBRO, QUINTA, 18H00

Auditório 2

Miguel Amaral GUITARRA PORTUGUESA

Entrada Livre

GRANDE FINAL DO PRÊMIO JOVENS MÚSICOS

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

6 OUTUBRO, QUINTA, 19H20

Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves MAESTRO

Solistas

[Programa a anunciar em função dos resultados do concurso]

Entrada Livre

DESAFIOS DO ENSINO DA MÚSICA EM PORTUGAL

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

7 OUTUBRO, SEXTA, 17H00

Auditório 2

Mesa Redonda

Moderador: António Wagner Diniz

Entrada Livre

RECITAL POR JOVENS ARTISTAS

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

7 OUTUBRO, SEXTA, 18H00

Foyer

Programa a anunciar

Entrada Livre

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

7 OUTUBRO, SEXTA, 19H20

Grande Auditório

Cesário Costa MAESTRO

Bruno Borralhinho VIOLONCELO

Pedro Ribeiro OBOÉ

Béla Bartók, Joly Braga Santos, Richard Strauss

Entrada Livre

QUARTETO ARTZEN

QUARTETO VINTAGE

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

7 OUTUBRO, SEXTA, 20H30

Grande Auditório

Erwin Schulhoff, Jean Françaix, Jacques Bondon

Entrada Livre

JOVENS MÚSICOS – QUE FUTURO

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

8 OUTUBRO, SÁBADO, 17H00

Auditório 3

Mesa Redonda

Moderador: Luis Tinoco

Entrada Livre

CONCERTO DO JOVEM MÚSICO DO ANO

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

8 OUTUBRO, SÁBADO, 19H00

Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves MAESTRO

Solista: vencedor do Prémio Silva Pereira do Prémio

Jovens Músicos 2011 – Jovem Músico do Ano

Carlos Aires, Luis de Freitas Branco

BIG BAND DO HOT CLUBE DE PORTUGAL

FESTIVAL JOVENS MÚSICOS

8 OUTUBRO, SÁBADO, 22H00

Grande Auditório

Pedro Moreira DIRECÇÃO

Vencedores da categoria combo jazz

Entrada Livre

QUARTETO BORODIN

CICLO CHOSTAKOVITCH

9, 11 E 12 OUTUBRO,

DOMINGO, TERÇA E QUARTA, 19H00

Grande Auditório

Ruben Aharonian VIOLINO

Andrei Abramov VIOLINO

Igor Naidin VIOLA

Igor Balshin VIOLONCELO

Dmitri Chostakovitch

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

13 OUTUBRO, QUINTA, 21H00

14 OUTUBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Sol Gabetta VIOLONCELO

Mikhail Glinka, Dmitri Chostakovitch,

Piotr Ilitch Tchaikovsky

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

14 OUTUBRO, SEXTA, 21H30

Grande Auditório

Trio Arriaga

Felipe Rodriguez

Oleguer Beltran-Pallarés

Samuel Barsegian

Maia Kouznetsova

Varoujan Bartikian

Martin Henneken

Dmitri Chostakovitch, Piotr Ilitch Tchaikovsky

Entrada Livre



MET OPERA LIVE IN HD

ANNA BOLENA

DE GAETANO DONIZETTI

15 OUTUBRO, SÁBADO, 18H00

Grande Auditório

Marco Armiliato MAESTRO

David McVicar ENCENAÇÃO

Anna Netrebko, Ekaterina Gubanova, Tamara

Mumford, Stephen Costello, Ildar Abdrazakov

[Transmissão em directo da Metropolitan Opera

Legendado em inglês]

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

O LIVRO COMO OBJECTO DE ARTE: NOS PALÁCIOS, NOS MOSTEIROS, NAS OFICINAS

OS LUGARES DA ARTE

6 SETEMBRO, TERÇA, 15H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

A ARTE, A HISTÓRIA E O MUNDO

7, 9, 14 e 16 SETEMBRO,

12, 14, 19 e 21 OUTUBRO

QUARTA e SEXTA, 10H30

Museu Calouste Gulbenkian

Por Isabel Oliveira e Silva

CURSO TEÓRICO | €30

TRABALHOS COM TEXTO E IMAGEM

EXPOSIÇÃO DE JOÃO PENALVA

DOMINGOS COM ARTE

11 SETEMBRO, DOMINGO, 12H00

CAM

VISITA | Gratuito

AUTO-RETRATO

DE ARTUR ROSA

UMA OBRA DE ARTE À HORA DE ALMOÇO

16 SETEMBRO, SEXTA, 13H15

CAM

VISITA | Gratuito

À DESCOBERTA DA COLEÇÃO:

ARTE, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

DOMINGOS COM ARTE

18 e 25 SETEMBRO, DOMINGO, 12H00

CAM

VISITA | Gratuito

ARCADIA

DE JOÃO PENALVA

UMA OBRA DE ARTE À HORA DE ALMOÇO

30 SETEMBRO, SEXTA, 13H15

CAM

VISITA | Gratuito

TRABALHOS COM TEXTO E IMAGEM

EXPOSIÇÃO DE JOÃO PENALVA

ENCONTROS AO FIM DA TARDE

30 SETEMBRO, SEXTA, 17H00

CAM

VISITA | Gratuito

O OURO E A PRATA NA ARTE DE SEMPRE

OS LUGARES DA ARTE

4 OUTUBRO, TERÇA, 15H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

EXPOSIÇÃO LABIRINTOS

OBRAS DA COLEÇÃO DO CAM

ENCONTROS AO FIM DA TARDE

14 OUTUBRO, SEXTA, 17H00

CAM

VISITA | Gratuito

FOTOGRAFAR OS JARDINS GULBENKIAN:

NATUREZA E ARQUITECTURA

15, 22 e 29 OUTUBRO, SÁBADO, 10H00

Jardim

Por Manuel Ribeiro

CURSO | €40

para os mais novos

O MUNDO MÁGICO DO MUSEU

15 OUTUBRO, SÁBADO, 14H30

5 AOS 7 ANOS | 8 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA-OFCINA CRIANÇAS | €7,5

NENÚFARES DE PAPEL

15 OUTUBRO, SÁBADO, 14H30

6 AOS 10 ANOS

Jardim

OFICINA FAMILIAS | €7,5 [adulto + criança]

Dia D | 8 de Outubro

ARTE EM MOVIMENTO: DANÇAR O MUSEU!

A PARTIR DA EXPOSIÇÃO

COLEÇÃO PERMANENTE DO CAM

10H30 e 11H00

2 AOS 4 ANOS

CAM

VISITA-JOGO PARA FAMÍLIAS | €4 [adulto + criança],

€2,5 [familiar adicional, adulto ou criança]

Duração: 45 min | máx. 15

ÇAÇA AO TESOURO NO JARDIM

10H30

6 AOS 12 ANOS

Jardim

VISITA-OFCINA PARA FAMÍLIAS | €4 [adulto + criança],

€2,5 [familiar adicional, adulto ou criança]

Duração: 2h | máx. 10

PINTORES DE ATELÊ, PINTORES DE AR LIVRE

10H30

8 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA-OFCINA PARA CRIANÇAS | €2,5

Duração: 2h | máx. 20

LISTEN

10H30 às 19H00

TODAS AS IDADES

Sede da FCG, Zona de Congressos

JOGO DE ESCUTA | Acesso livre

Actividade no âmbito do projecto LabMóvel

VER FAZER UMA ORQUESTRA

11H00

5 AOS 7 ANOS

Sede da FCG, Estúdio

OFICINA PARA CRIANÇAS | €2,5 | Duração: 2h | máx. 20

ORQUESTRA DE PAIS E FILHOS

11H00 às 13H00 e 14H30 às 17H30

6 AOS 12 ANOS

Sede da FCG, Salas 1 e 2

OFICINA PARA FAMÍLIAS | €4 [adulto + criança],

€2,5 [familiar adicional, adulto ou criança]

Duração: 5h | máx. 12

APRESENTAÇÃO FINAL DA OFICINA

ORQUESTRA DE PAIS E FILHOS

18H15

6 AOS 12 ANOS

Sede da FCG, Zona de Congressos

OFICINA PARA FAMÍLIAS | Gratuito

Duração: 20 min | máx. 12

FOTOGRAFAR A NATUREZA EM ESPAÇOS URBANOS

11H00 e 14H30

+ 16 ANOS

Jardim, Sede da FCG, Sala 1

CURSO-OFCINA DE INTRODUÇÃO PARA ADULTOS | €2,5

Duração: 2h | máx. 40

descobrir...

Programa Gulbenkian
Educação para a Cultura

Os bilhetes para as actividades podem ser adquiridos através da bilheteira online e não requerem marcação prévia, excepto onde assinalado.

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Segunda a Sexta, das 15h00 às 17h00

Tel: 21 782 3800 | Fax: 21 782 3014

E-mail: descobrir@gulbenkian.pt

Compra online: www.descobrir.gulbenkian.pt

www.bilheteira.gulbenkian.pt

FESTA E DEVOÇÃO NA VENEZA

DE GUARDI E VIVALDI

11H00

+ 16 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA PARA ADULTOS | €2,5

Duração: 1h15 | máx. 40

MEMÓRIA AOS QUADRADINHOS

A PARTIR DA EXPOSIÇÃO

COLEÇÃO PERMANENTE DO CAM

11H30

2 AOS 4 ANOS

CAM

OFICINA DE CONTOS PARA FAMÍLIAS | €4 [adulto +

criança], €2,5 [familiar adicional, adulto ou criança]

Duração: 60 min | máx. 15

OS SEGREDOS DA COR

14H30

5 AOS 7 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA-OFCINA PARA CRIANÇAS | €2,5

Duração: 2h | máx. 20

VÊ ESTE SOM

14H30

6 AOS 12 ANOS

CAM, Sede da FCG, Sala 4

OFICINA MULTIMÉDIA PARA FAMÍLIAS | €4 [adulto +

criança], €2,5 [familiar adicional, adulto ou criança]

Duração: 2h | máx. 15

WALDEN: UMA CABANA NO JARDIM

GULBENKIAN

14H30

8 AOS 12 ANOS

Jardim, Sede da FCG

OFICINA PARA CRIANÇAS | €2,5

Duração: 2h | máx. 20

Uma colaboração com o Programa Gulbenkian

Ambiente

MÚSICA SACRA E MÚSICA DE CORTE

NA EUROPA RENASCENTISTA

14H30

+ 16 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA PARA ADULTOS | €2,5

Duração: 1h15 | máx. 40

JAM!!!

16H45

TODAS AS IDADES

Música, Sala Polivalente

VISITA DE INTRODUÇÃO AO JAZZ E À IMPROVISAÇÃO

€2,5 | Duração: 60 min | máx. 143

**LANÇAMENTO
DA TEMPORADA
11/12**

DIA D

8 DE OUTUBRO

DESCOBRIR

Programa Gulbenkian
Educação para a Cultura

**VISITAS/OFICINAS
CONCERTOS/CURSOS**

**ESCOLAS
E GRUPOS ORGANIZADOS**

Marcações abrem
a 15 de setembro

PÚBLICO EM GERAL

Bilhetes à venda a partir
de 24 de setembro

www.descobrir.gulbenkian.pt



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

